SOCIEDADE CIVIL EM MOÇAMBIQUE: EXPECTATIVAS E DESAFIOS

NÃO HÁ DUAS SEM TRÊS?

Do Bad Things Come in Threes?

Apresentação no Centro Cultural da ISPM

Chimoio, 1 de Setembro.2010 (actualizado 06.09.10)

António Alberto da Silva Francisco

Investigador do IESE e Professor Associado da UEM

Apresentação feita em Chimoio, baseada no artigo publicado no livro do IESE "Desafios para Moçambique 2010" (pp. 50-105). Após o encontro, este Power Point foi actualizado, para incorporar comentários adicionais feitos durante a apresentação, bem como informações mais recentes, relacionadas com as manifestações populares de 1-3 de Setembro de 2010 em Maputo.
As imagens de fundo e outras incluídas ao longo dos slides, foram extraídas principalmente de "O País online", Blog "Diário de um Sociólogo" e Jornal Savana.

Para comentários, sugestões ou pedido de informações sobre as fontes usadas, contactar antonio.francisco@iese.ac.mz. 06.09.2010

INTRODUÇÃO: A Sociedade Civil Explode em Maputo? 1/5

01 de Setembro 2010

- Esta apresentação surge poucas horas após o despoletar de violentos motins populares na Cidade de Maputo. Às seis horas da manhã, quando me dirigia ao Aeroporto de Maputo, para apanhar o avião com destino a Chimoio, o trajecto estava ainda livre e calmo, como num dia normal qualquer; ou qualquer primeiro dia do mês, ou mesmo num qualquer primeiro dia de um mês de Setembro pacífico. Mas não tardou que ficasse evidente que o dia 1 de Setembro de 2010 viria a ser um dia turbulento e nada normal e pacífico.

- Já no avião, pouco depois das sete horas, antes de desligar o celular, foi possível receber algumas notícias de existência de crescente tensão, num ou noutro bairro periférico de Maputo e Matola. Duas horas depois, ao aterrar no aeroporto de Chimoio, a Televisão STV já se encontrava em transmissão especial "ÚLTIMA HORA"; reportava em emissão especial e directo, as manifestações populares violentas, emergindo em diversos bairros periféricos de Maputo. A TVM, televisão pública, transmitia o programa Tomy Jerry, como se lá fora, nas ruas da cidade as pessoas vivessem na normalidade quotidiana a que nos habituamos. Contudo, as entradas para o centro de Maputo, na estrada N1, Bairro Jardim, Acordos de Lusaka e Av. Vladimir Lenine estavam já todas barricadas por pedras, pneus queimados e manifestantes apedrejavam os carros que circulavam, queimavam autocarros e bombas de gasolina.

- Através dos telemóveis , a informação circulava rapidamente. Por volta das 10 da manhã, o locutor da STV, Jeremias Langa, resumia a situação dos motins, após uma ronda por vários correspondentes da STV distribuídos pela cidade: "Maputo está praticamente paralisada, num verdadeiro caos".

INTRODUÇÃO: A Sociedade Civil Explode em Maputo? 2/5

- Diferentemente das manifestações populares de 5 de Fevereiro de 2008, os motins que estavam a acontecer em Maputo foram antecipadamente anunciados. Pelo menos há uma semana circulavam mensagens SMS, anunciando uma suposta greve geral em Maputo, prevista para o dia 1 de Setembro, dia em que o Governo Moçambicano tinha anunciado o início do aumento de preços de vários produtos básicos: pão, água e energia. Isto surge após sucessivos aumentos de preços de combustível, nos meses recentes, depois de dois anos de congelamento total dos mesmos. O referido congelamento foi consequência da revolta popular havida a 5 de Fevereiro 2008, mas que o Partido Frelimo e seu Governo mantiveram até conseguirem garantir a renovação do poder, através do que consideraram ser uma vitória eleitoral "retumbante" em Outubro de 2009.
- Ontem mesmo, a circulação de SMSs intensificou. Uma mensagem anunciava e apelava à revolta, mais ou menos nos seguintes termos: "Amanhã será o grande dia de festa. Preparem as moedas para o grande protesto. Vamos todos protestar contra o custo de vida".
- Lendo o Jornal "Notícias", durante a viagem para Chimoio, várias pessoas comentavam com surpresa e indignação as declarações ameaçadoras do Porta-voz da Polícia, ao afirmar que o Comando Geral da política não tinha concedido nenhuma autorização para greve; se surgisse alguma greve, ela seria reprimida, por ser ilegal e não autorizada.

INTRODUÇÃO: A Sociedade Civil Explode em Maputo? 3/5

- Greve não autorizada? Greve ilegal? Como ficou claro, em vez de uma greve geral dos trabalhadores, o que estava a acontecer era mais um motim, similar aos motins populares de 5 de Fevereiro de 2008.
- No último meio século, os moçambicanos não organizaram outras alegadas greves, não-violentas ou mesmo violentas? Os conflitos armados, tanto o início da luta armada pela independência de Moçambique em 25 de Setembro, como os ataques que deram início à guerra civil que durou 16 anos, foram legais e autorizados pelas autoridades? No passado, as revoltas populares que se converteram em conflitos armados prolongados, começaram por ser actos ilegais e contestações ao poder instituído.
- De imediato, tal como as manifestações populares de 5 de Fevereiro, também esta nova onda de revolta popular, não passam de motins violentos, aparentemente sem líderes e desorganizada, mas nem por isso deixa de ser uma explosão violenta da sociedade civil, desarmada e totalmente indefesa. NÃO É UMA GREVE, NO SENTIDO CONVENCIONAL DO TERMO. É UM MOTIM. Um Motim que se exprime como uma explosão violenta da sociedade civil, uma sociedade civil que se manifesta com fúria e raiva, num claro sinal de desespero social. Uma sociedade civil indignada com o poder político, distante e totalmente afastada das chamadas Organizações da Sociedade Civil formais.
- Os moçambicanos não são mais pacíficos do que outros povos; mas também não são mais violentos . O problema é que muitos analistas, sobretudo políticos e governantes no poder, tentam fazer crer que os Moçambicanos são particularmente pacíficos; um pacifismo que chega a ser ofensivo, porque sugere que a maioria dos cidadãos, por serem analfabetos são parvos, burros e insensíveis ao desprezo e maus tratos a que são votados.
- Mesmo quando as pessoas, no seu dia a dia recorrem a linchamentos, procuram cada vez mais respostas em feiticeiros e seitas religiosas que não encontram nas lideranças políticas; mesmo assim, os governantes moçambicanos tendem a fazer passar uma imagem de "nós somos diferentes"; "Moçambique é diferente".
- Agora, mais uma vez, a população de Maputo responde com uma grande chapada, não de luva branca, mas de luva ensanguentada.

INTRODUÇÃO: A Sociedade Civil Explode em Maputo? 4/5

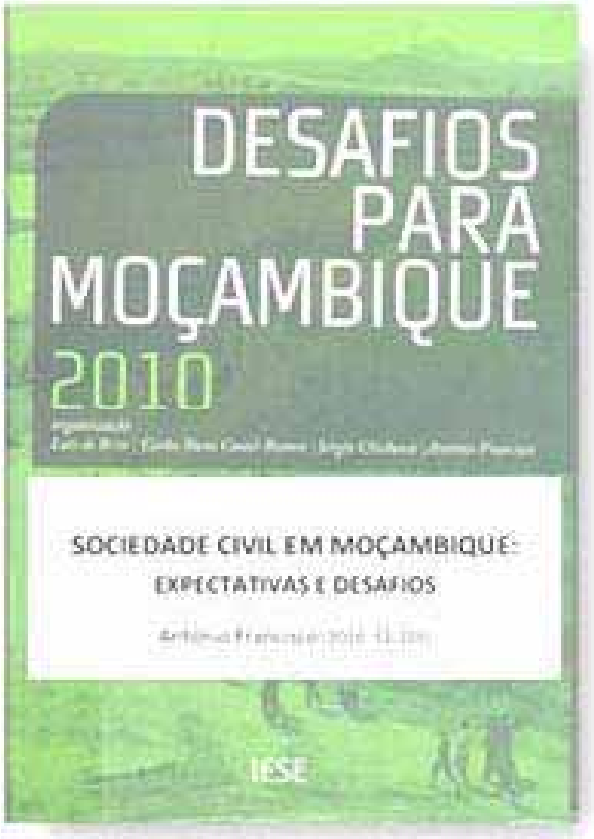
- Em Julho deste ano, fiz uma apresentação sobre este tema, num encontro entre a União Européia (EU) e o Governo de Moçambique (GdM), visando melhorar o diálogo e a relação entre o Governo e a Sociedade Civil Moçambicana (SCM). Na altura, considerei o referido encontro **louvável** e **oportuno.**
- **Louvável porquê?** Porque reconhece que o actual diálogo entre o GdM e a SCM, mesmo que não seja mau nem negativo, também não é satisfatório, muito menos óptimo.
- **Não temos um Estado excelente ou bom em Moçambique, por termos um Estado que hesita entre ser mediocre e mau. Não temos uma SCM óptima, em grande parte, porque é mais fácil criar Organizações da Sociedade Civil (OSC) que hesitam entre serem más e medíocres. As poucas OSC formalmente existentes, estão longe de se tornarem excelentes, porque é mais fácil serem más, medíocres ou boas.**
- **Quando a EU e o GdM reconhecem ser possível melhorar o diálogo e a relação com a SCM, é louvável. Mas só é louvável se não for uma declaração como muitas outras, como aconteceu no passado. Sabemos que não existe uma relação tensa ou negativa entre o Governo e a SC, mas existe uma relação amorfa, de fraca confiança mútua e praticamente nenhuma parceria profissional. Por isso, justifica-se uma atenção mais cuidada e maior esforço em prol da melhoria do relacionamento.**

INTRODUÇÃO: A Sociedade Civil Explode em Maputo? 5/5

- **Oportuna, porquê?** Porque é preferível, como diz um ditado popular, "Mais vale prevenir do que remediar".
- O Estado Moçambicano está actualmente convertido num **ESTADO FALIDO MAS NÃO FALHADO**. Tenho desenvolvido este argumento, na minha recente investigação, como testemunha o artigo incluído num livro do IESE que sairá brevemente.
- **Contrariamente ao que se tem afirmado, Moçambique está (segundo os críticos), ou não está (segundo os defensores do optimismo beócio) sendo afectado pela crise financeira internacional. Considero que a economia e o Estado mergulharam na falência crônica no início da década de 1980. Oficialmente, Moçambique tornou-se um país falido desde que aderiu formalmente ao FMI. Durante os 30 anos passados, o GdM converteu a falência financeira numa falência crônica do Estado e da Economia Nacional. Para tal, contou por vezes com a colaboração das OSC, sobretudo para conseguir o perdão da dívida internacional.**
- **Não há dúvida que o GdM, ao colaborar no estabelecimento da paz em 1992, conseguiu e tem conseguido adiar ou evitar o Estado Falhado. Todavia, engana-se quem acreditar que Moçambique está livre de se tornar um Estado Falhado. Em Maputo, hoje estamos a assistir a uma demonstração do que poderá ser o Estado Falhado, se os motins se generalizarem por todo o País.**
- **Na verdade, Moçambique está tão livre do Estado Falhado, como nos meses recentes a Grécia, a Espanha e Portugal têm resistido à falência. Há poucos anos atrás a falência daqueles Estados da zona Euro parecia inconcebível. Agora, a possibilidade de tais Estado falirem oscila entre a inevitabilidade e a capacidade de adiar ou evitar o pior.**
- **Nestas circunstâncias, começo por retomar a minha primeira mensagem , a partir do artigo que motivou esta apresentação, de acordo com o encontro de Julho passado:**

INTRODUÇÃO: A Sociedade Civil Explode em Maputo? 5/5

Acreditar na SCM é extremamente arriscado, mas deixar de o fazer será muito mais arriscado ainda. De igual modo, acreditar que o GdM esteja interessado em melhorar o diálogo e a relação com a SCM (de forma adulta, profissional e de mútuo respeito) é também arriscado, mas não o fazer não será ainda mais arriscado?



http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_24.pdf

Nota: Sobre a bibliografia usada nesta apresentação ver o artigo em que ela é baseada "Sociedade Civil em Moçambique: Expectativas e Desafios", in *Desafios para Moçambique 2010*, pp. 50-105.

INTRODUÇÃO

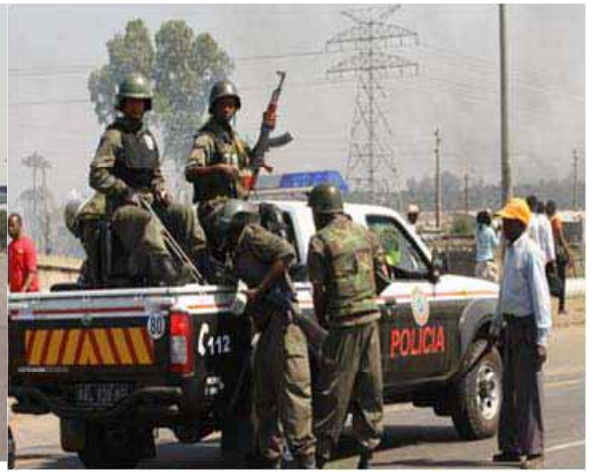
O artigo gira em torno de duas palavras-chave destacadas no próprio título:

EXPECTATIVAS

(esperança fundada em promessas ou probabilidade de que algo aconteça)

DESAFIOS

(estímulo, convite, provocação, incitação)



INTRODUÇÃO

- Após um enquadramento geral, na primeira parte, a segunda parte do artigo centra-se em torno de **cinco imperativos fundamentais para a SCM**:

  Coragem
  Honestidade
  Excelência
  Transparência
  Confiança

- Nenhum destes imperativos, lida com dinheiro directamente, não porque este não seja importante, mas porque ele funciona como meio e não como um fim em si próprio. Mas sem dúvida, dinheiro é muito importante. Porquê?

"Dinheiro não dá felicidade... mas paga o que ela gasta".

- Mas é em torno da tal felicidade que cada um procura – bem-estar, melhor condições de vida, convívio, satisfação, alegria – que se deve centrar a nossa atenção.
- Os DOADORES oferecem recursos à SCM – **DINHEIRO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA. Mas oferecem-no para que procuremos a nossa felicidade; nossa VISÃO E ASPIRAÇÕES.**
- Grande parte dos problemas da SCM nada têm a ver com dinheiro.

QUE EXPECTATIVAS DA SCM?

O QUE ESPERAM OS DOADORES, GOVERNO E EMPRESÁRIOS ... E NÓS?

As expectativas exercem uma poderosa e invisível influência nas OSC, permitindo que os líderes e membros se comportem segundo as previsões.

- As pessoas que conseguem elevado sucesso, tendem a possuir elevada expectativa, confiança e espírito positivo.
- As expectativas com impacto na SC têm várias fontes: 1ª) Na família e comunidade – todos estamos mais ou menos programados para responder às expectativas dos pais, familiares, amigos e conhecidos; 2ª) Nos chefes e o que eles esperam do nosso trabalho; 3ª) Nas novas gerações (os filhos e jovens); 4ª) Em nós próprios; expectativas de nós mesmos.

QUE SEJA:	
Pró-activas	Dependentes
Independentes em carácter	Servis
De pensamento livre	Seguidistas
Com iniciativa criadora	Sem carácter
Inovadoras	Subservientes
Tolerantes	Inactivas
Honestas	Intolerantes
Credíveis	Intriguistas
Confiáveis	Sem auto-estima genuína
Com auto-estima genuína	Falsas
Transparente	Obscuras
Responsáveis	Irresponsáveis
Colaborativas	Conflituosas
Francas	Fingidas
Justas	Injustiça
EXPECTATIVAS POSITIVAS	EXPECTATIVAS NEGATIVAS

Implícita ou explicitamente, que expectativas mostram as OSC e seus líderes?

SOCIEDADE CIVIL EM MOÇAMBIQUE:
EXPECTATIVAS E DESAFIOS

INTRODUÇÃO 50

ABORDAGEM ANALÍTICA E METODOLOGIA 54

O QUE É SOCIEDADE CIVIL? 55

COMPOSIÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL: DOIS EIXOS E QUATRO DIMENSÕES 58

VERDADE E INTERESSE, TRANSPARÊNCIA E CONFIANÇA 59

ANTECEDENTES E CONTEXTO HISTÓRICO 60

ENTERRAR O PASSADO E FALSIFICAR O PRESENTE 64

NEO-MOÇAMBICANO: HESITAÇÃO ENTRE SER PIOR OU PÉSSIMO 66

ACTUAL SOCIEDADE CIVIL MOÇAMBICANA É FRACA: PORQUÊ? 69

A QUESTÃO DA FRAQUEZA DA SOCIEDADE CIVIL MOÇAMBICANA 69

AMBIENTE-ESTRUTURA À IMAGEM E SEMELHANÇA DA SOCIEDADE MOÇAMBICANA 82

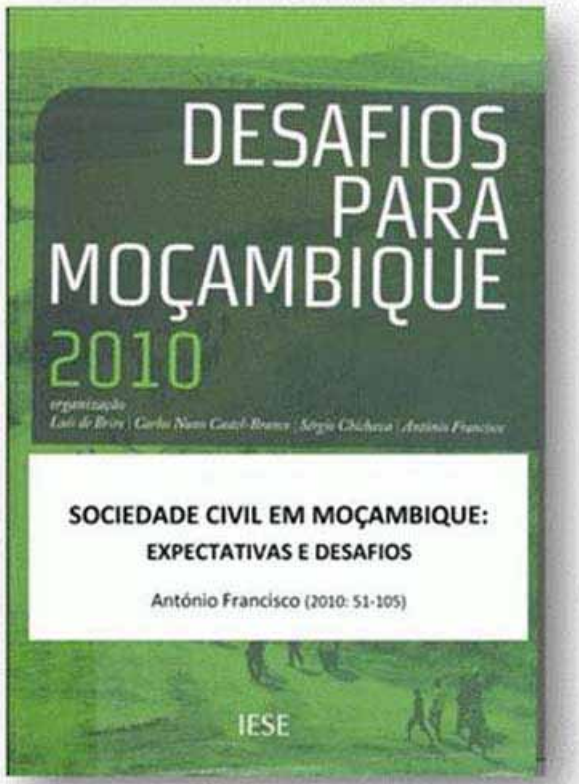
VALORES-IMPACTO À IMAGEM E SEMELHANÇA DA SOCIEDADE CIVIL 82

CONSIDERAÇÕES GERAIS, DESAFIOS E IMPERATIVOS PRIORITÁRIOS 83

BALANÇO RETROSPECTIVO: POSITIVO OU NEGATIVO? 85

IMPERATIVOS FUNDAMENTAIS NO FUTURO PRÓXIMO 86

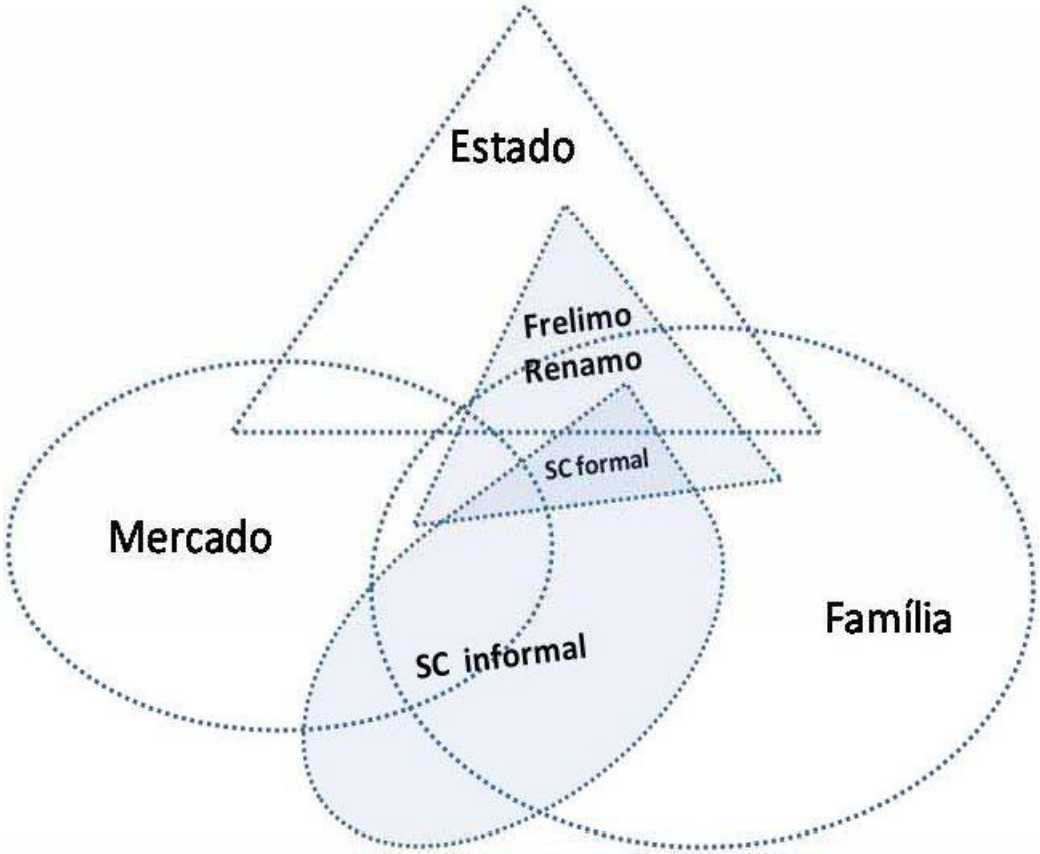
REFERÊNCIAS 98



O QUE É A SOCIEDADE CIVIL?

Sociedade Civil é a arena da sociedade fora da família, do mercado e do Estado, onde as pessoas se associam para realizar interesses; não só interesses comuns, mas também aspirações e interesses particulares ou mesmo privados.

A ARENA DA SOCIEDADE CIVIL E PRINCIPAIS ESFERAS DA SOCIEDADE



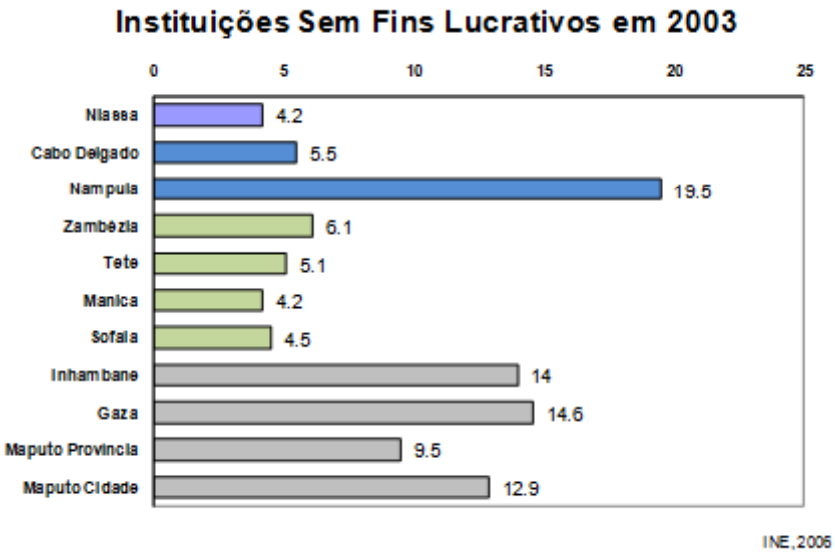
Composição da Sociedade Civil: Dois Eixos e Quatro Dimensões

A QUESTÃO HISTÓRICA – QUAL A ORIGEM DA SCM? CONSIDERAÇÕES

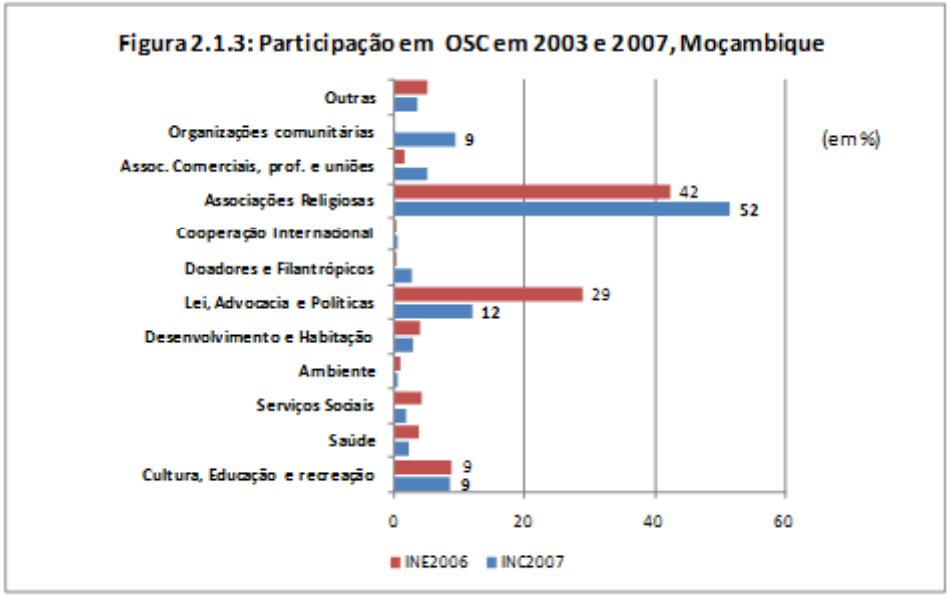
Antecedentes e Evolução da Sociedade Civil em Moçambique

- Em meados da primeira década do século XXI, o INE (2005) recenseou **cerca de 5 mil OSC** (4853) em Moçambique, chamando-lhes Instituições Sem Fins Lucrativos. Estas organizações foram tomadas como base para o universo das **OSC formais** estudadas na pesquisa sobre o ISC de 2007.

- **Cerca de 50% das OSC concentram-se em três províncias**: Nampula (20%), Gaza (15%), Inhambane (14%).
- Cidade de Maputo (13%) e Província de Maputo (10%).
- Os restantes 30% , com menos de 7% cada, correspondem às demais seis províncias (INE, 2006: 43).
- Tipo de OSC:
  - **42% Associações religiosas**
  - **12% políticas**
  - **Cerca de 10% comunitárias (???)**



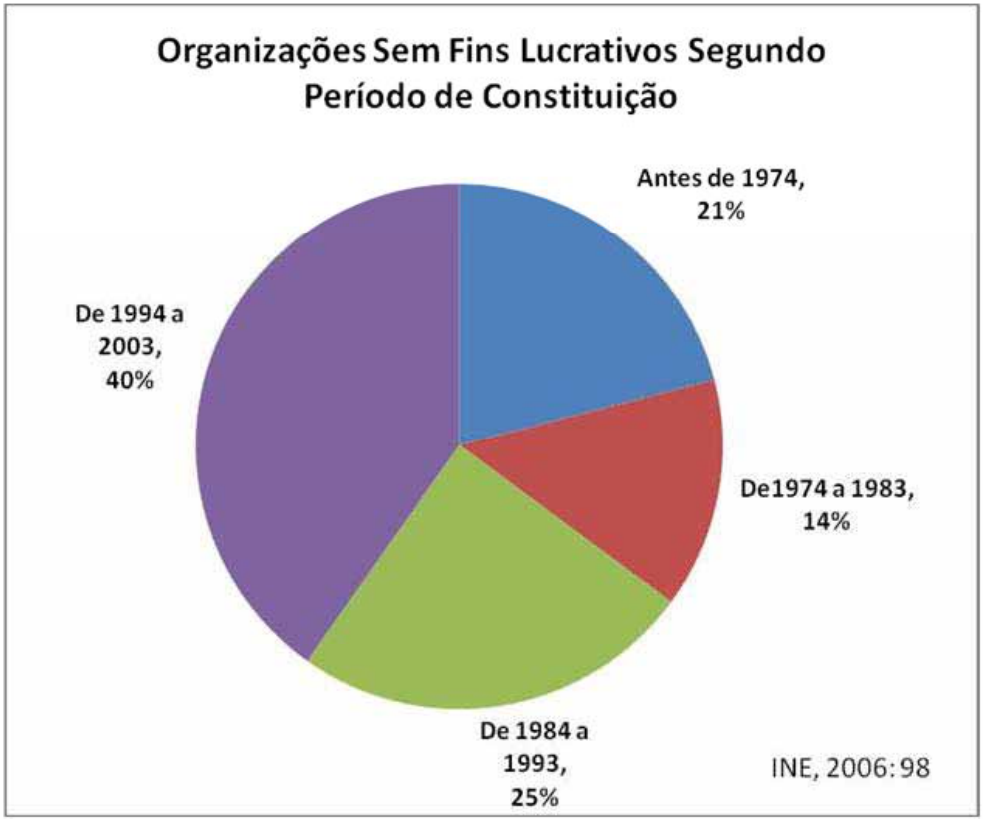
INE, 2006



Antecedentes e Evolução da SCM

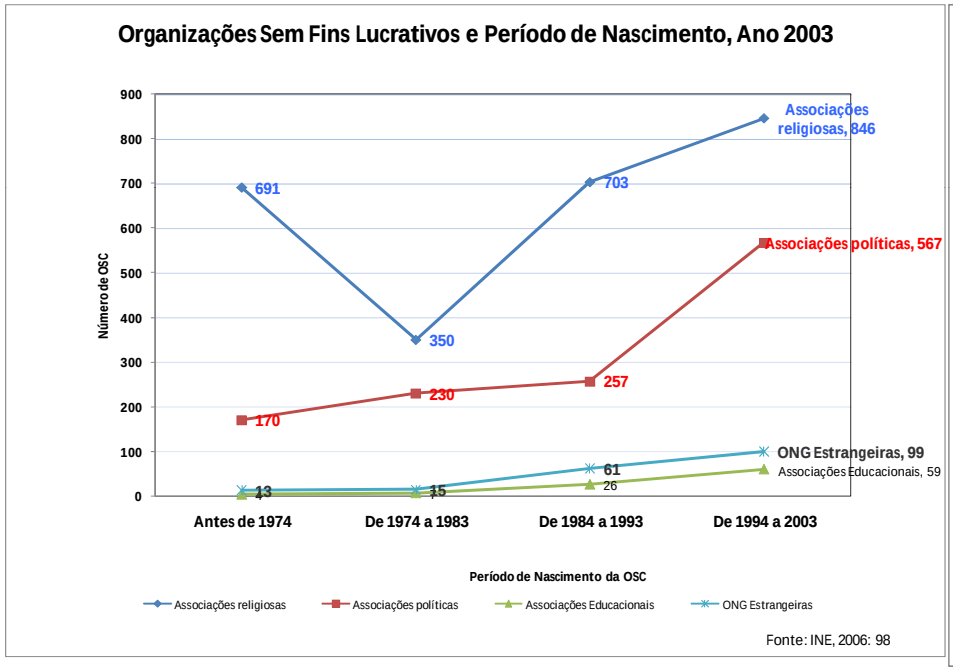
As OSC são relativamente jovens. Olhando para quando é que as OSC foram criadas verifica-se que:

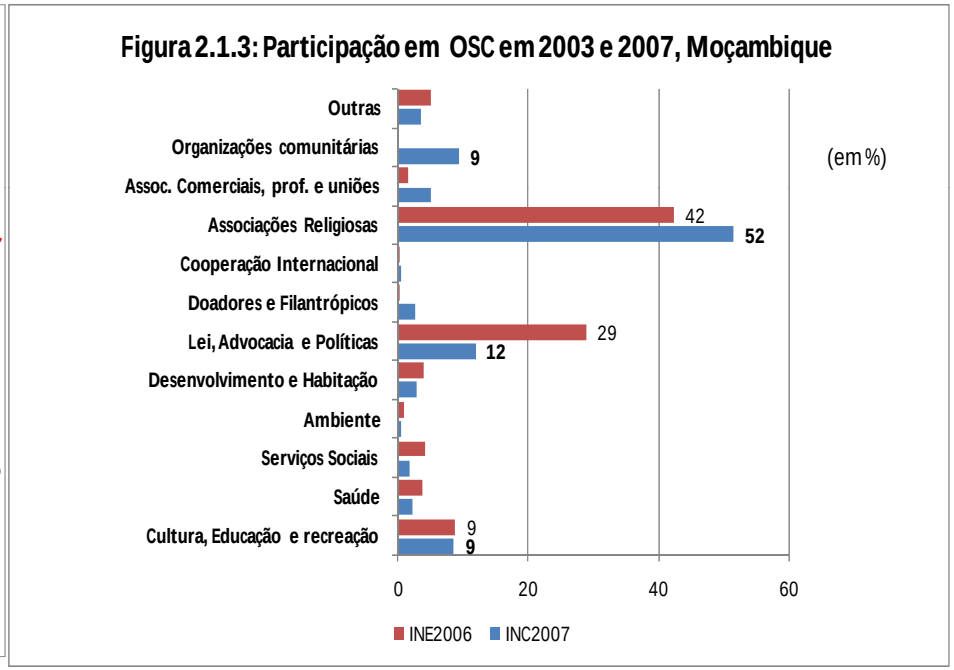
- **21% surgiram antes da independência**
- **14% na 1ª década de independência**
- **25% após o início da liberalização e introdução da Constituição de 1990**
- **40% surgiram depois de 1994, ou seja, das 1ª Eleições Multipartidárias.**



Antecedentes e Evolução da SCM

As OSC nascidas antes de 1974 eram principalmente religiosas (67% comparado com 58% no período pós 1994). A partir de 1994 diversificaram-se as OSC , para áreas de interesse múltiplos como educacional, ambiental , questões de género, etc. As ONGs nacionais e estrangeiras, praticamente só voltaram a evidenciar-se depois de meados da década de 1980.





Relativamente à história mais remota da Sociedade Civil Moçambicana, o artigo traça a sua origem ao início do século XX, na sequência da criação do Estado moderno (colonial) em 1891, ano da fixação da configuração geográfica do que passou a ser reconhecido como Moçambique. Defende ainda que o surgimento do partido Frelimo, particularmente na fase como Frente de Libertação, pode ser considerado como um produto directo da sociedade civil moçambicana.

Anexo 4: Estimativa do Índice da Sociedade Civil Moçambicana (ISCM 2007)

Estrutura	MOZISC 2007	Ambiente	MOZISC 2007	Valores	MOZISC 2007	Impacto	MOZISC 2007	TOTAL
1.1	**1.1**	**1.2**	**1.2**	**1.1**	**1.1**	**1.0**	**1.0**	
1.1 Amplitude participação cidadão	1.2	2.1 Contexto político	1.0	3.1 Democracia	1.0	4.1 Influência em políticas públicas	1.2	
1.1.1 Acções apartidárias (%)	1.0	2.1.1 Como são os direitos políticos	1.0	3.1.1 Nível de democracia dentro das OSC	1.0	4.1.1 Incidência nos direitos humanos	1.0	
1.1.2 Doações para caridade (%)	2.0	2.1.2 Nível de competição política	2.0	3.1.2 Acções da SC pela democracia	1.0	4.1.2 Incidência nas políticas sociais	2.0	
1.1.3 Membro de uma OSC (%)	0.0	2.1.3 Estado de Direito/Respeito pela Lei	1.0	3.2 Transparência	0.7	4.1.3 Incidência nas políticas financeiras	0.5	
1.1.4 Voluntariado (%)	2.0	2.1.4 Nível de corrupção	0.0	3.2.1 Corrupção dentro da SC	1.0	4.2 Escrutínio do Estado & Empresas	0.5	
1.1.5 Acção comunitária colectiva (%)	1.0	2.1.5 Qual a Eficácia do Estado	1.0	3.2.2 Transparência financeira das OSCs	0.5	4.2.1 Pôr o Estado a prestar contas	1.0	
1.2 Profundidade participação cidad	1.2	2.1.6 Nível de descentralização	1.0	3.2.3 Acções da SC pela transparência	0.5	4.2.2 Pôr as empresas a prestarem contas	0.0	
1.2.1 Ofertas para caridade	1.0	2.2 Liberdade & direitos	1.7	3.3 Tolerância	1.5	4.3 Resposta aos interesses sociais	1.0	
1.2.2 Voluntariado (nº horas)	2.5	2.2.1 Nível de liberdades civis	1.0	3.3.1 No seio da arena da SC	2.0	4.3.1 Capacidade de resposta	1.0	
1.2.3 Membro/adesão a/de uma OSC (%)	0.0	2.2.2 Nível do direito à informação	2.0	3.3.2 Acções da SC pela tolerância	1.0	4.3.2 Confiança pública	1.0	
1.3 Diversidade de participantes na	1.3	2.2.3 Nível de liberdade de imprensa	2.0	3.4 Não-violência	1.5	4.4 Empoderamento dos cidadãos	0.8	
1.3.1 Participação de Membro de OSC	1.0	2.3 Contexto Socioeconómico	1.0	3.4.1 Não-violência na SC	2.0	4.4.1 Informar/sensibilizar os cidadãos	0.5	
1.3.2 Liberança das OSC	1.0	2.3.1 Barreira ao funcionamento efectivo da SC	1.0	3.4.2 Acções da SC pela paz e não-violência	1.0	4.4.2 Capacitação para acção colectiva	1.0	
1.3.3 Nível de distribuição das OSCs	2.0	2.4 Contexto Sociocultural	2.0	3.5 Equidade de Género	0.7	4.4.3 Empoderamento de grupos marginais	0.0	
1.4 Nível de organização	0.6	2.4.1 Confiança dentro da sociedade	2.0	3.5.1 Equidade dentro da SC?	1.0	4.4.4 Empoderamento das mulheres	1.0	
1.4.1 Pertença a uma federação/rede de OSC	0.0	2.4.2 Tolerância dentro da sociedade	2.0	3.5.2 Práticas de equidade de género na SC	0.0	4.4.5 Constituição de capital social	1.0	
1.4.2 Eficácia dos órgãos da federação de OSC	2.0	2.4.3 Consciência pública na sociedade	2.0	3.5.3 Acções da SC pela equidade de género	1.0	4.4.6 Apoio à sobrevivência	1.0	
1.4.3 Auto-regulação entre as OSC	1.0	2.5 Ambiente legal	1.0	3.6 Erradicação da Pobreza	2.0	4.5 Resposta às necessidades sociais	1.3	
1.4.4 Infra-estruturas de apoio à SC	0.0	2.5.1 Facilidade de registo das OSCs	1.0	3.6.1 Acções da SC contra a pobreza	2.0	4.5.1 Lobbies por melhores serviços do Estado	2.0	
1.4.5 Contactos internacionais da SC	0.0	2.5.2 Actividades de advocácia permitidas	1.0	3.7 Sustentabilidade Ambiental	1.0	4.5.2 Satisfação das necessidades da sociedade	2.0	
1.5 Inter-relações dentro das OSC	1.5	2.5.3 Leis tributárias favoráveis às OSC?	1.0	3.7.1 Acções da SC pela sustentabilidade ambiental	1.0	4.5.3 Resposta imediata às necessidades de grupos mar	0.0	
1.5.1 Comunicação entre OSC	2.0	2.5.4 Benefícios fiscais para actividades filantrópicas	1.0	3.8 Equidade na Diversidade	0.8			
1.5.2 Cooperação entre OSC	1.0	2.6 Relações entre Estado-SC	0.7	3.8.1 Equidade na diversidade dentro da SC	1.5			
1.6 Recursos	0.7	2.6.1 Autonomia da SC	1.0	3.8.2 Práticas de diversidade na SC	1.0			
1.6.1 Nível de recursos financeiros	0.5	2.6.2 Diálogo com a SC	1.0	3.8.3 Acções da SC pela diversidade	0.0			
1.6.2 Nível de recursos humanos	0.5	2.6.3 Cooperação/Apoio do Estado à SC	0.0					
1.6.3 Recursos tecnológicos e infra-estruturas	1.0	2.7 Relações S Privado & SC	0.8					
		2.7.1 Atitude do Sector Privado para a SC	1.0					
		2.7.2 Responsabilidade social corporativa	0.5					
		2.7.3 Filantropia corporativa do SP	1.0					
		2.8 Relações Doadores&SC	1.3					
		2.8.1 Ajuda/Dependência externa	0.5					
		2.8.1 Diálogo com doadores	2.0					
		2.8.2 Cooperação/Apoio dos Doadores à SC	1.5					
Sub-dimensões	6		8		8		5	27
Indicadores	21		26		17		16	80

ACTUAL SOCIEDADE CIVIL MOÇAMBICANA É FRACA: PORQUÊ?

Figura 1: Diamante do Índice da Sociedade Civil 2007 em Moçambique

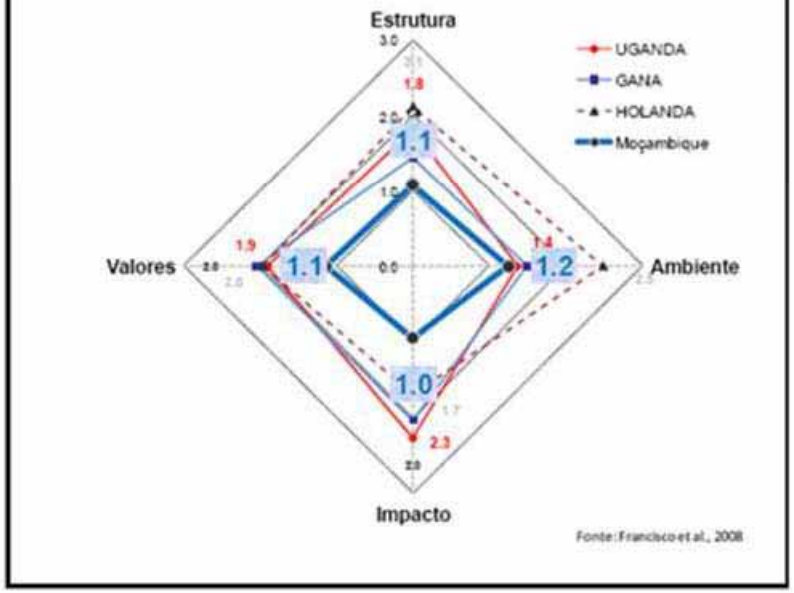


Tabela 1: Pontuação das Quatro Dimensões do ISC em Vários Países

PAÍSES	ESTRUTURA	AMBIENTE	VALORES	IMPACTO	MÉDIA
Alemanha	1,6	2,3	2,3	2,5	2,2
Argentina	1,4	1,7	1,7	1,9	1,7
Burkina Faso	1,6	1,3	1,9	1,8	1,7
Gana	1,3	1,5	2,0	2,0	1,8
Holanda	2,1	2,5	2,0	1,7	2,1
Itália	1,4	2,2	2,5	2,3	2,1
Moçambique	***1,1***	***1,2***	***1,1***	***1,0***	***1,1***
Nigéria	2,0	0,9	2,0	2,1	1,8
Serra Leoa	1,3	0,8	1,5	1,6	1,3
Togo	1,0	0,7	1,4	0,8	1,0
Uganda	1,8	1,4	1,9	2,3	1,8

Fonte: Francisco et al., 2008; Heinrich, 2007.

✓**A SCM é fraca? O que fazer?**

✓**Fingir que não é verdade? Fingir que somos melhores do que realmente somos?**

✓**O melhor seria sermos realistas, honestos e francos, aceitando a realidade existente. Conhecendo onde estão as fraquezas, poderemos procurar as soluções para as superar.**

COMO MELHORAR A RELAÇÃO ESTADO – MERCADO-SCM NO EIXO AMBIENTE-ESTRUTURA?

ESTRUTURA DA SCM

- O que fazer para capacitar as OSC nos distritos? O Governo pode ajudar, criando por exemplo um fundo distrital para a SC.
- Por que não criar um tipo de "7 milhões" para apoio à SC nos distritos e localidades?
- E os doadores? Porque não criam fundos provinciais, ou distritais para a SCM?
- Queremos capacidade, competência técnica e profissionalismo, mas não disponibilizamos recursos para tal.

Gráfico 7: Distribuição Representativa das OSC, Moçambique 2003 (em %)

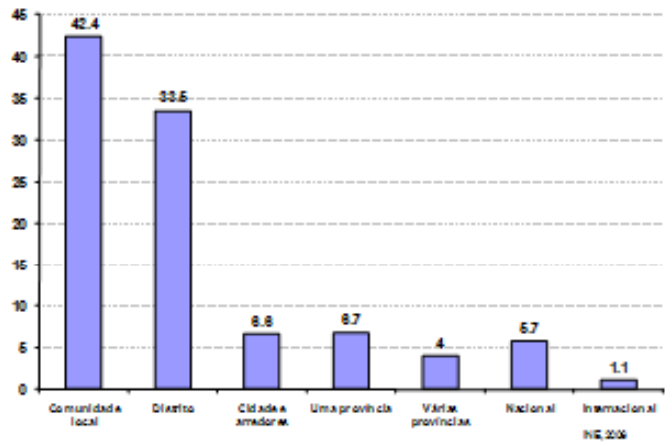
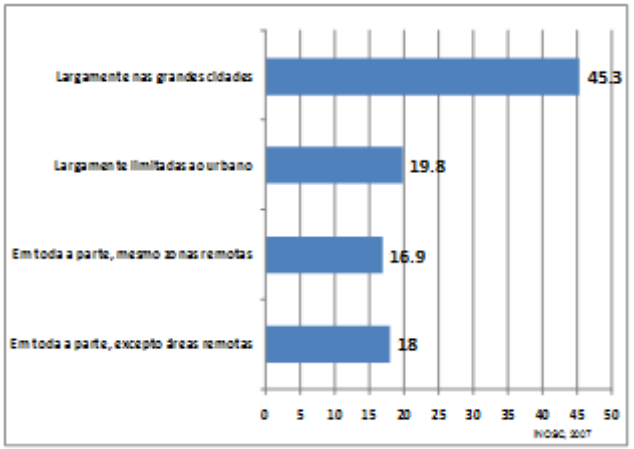


Gráfico 6: Percepção sobre a Distribuição Geográfica das OSC em Moçambique, 2007 (em %)



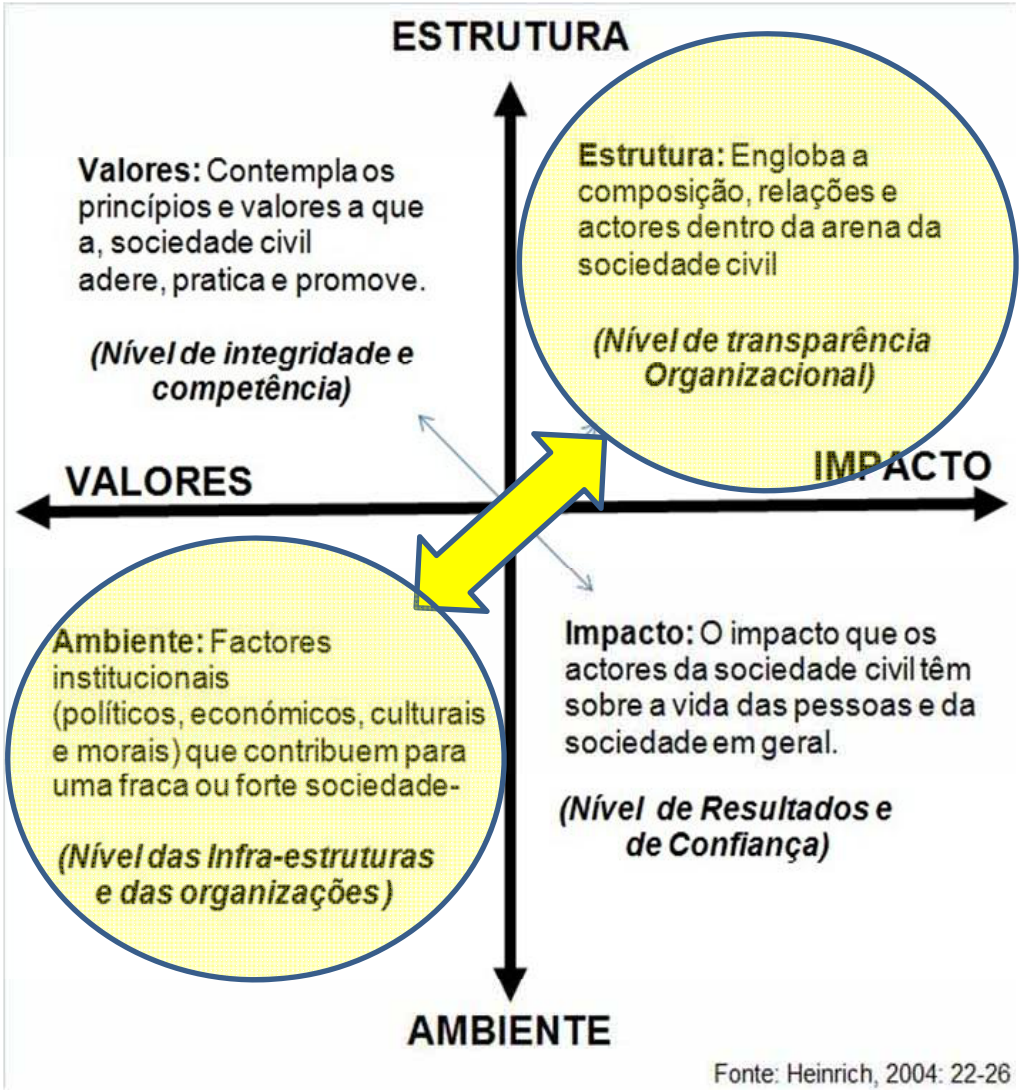
O TIPO DE SOCIEDADE DETERMINA O TIPO DE SOCIEDADE CIVIL

Como Melhorar a Relação com a SC no EIXO AMBIENTE-ESTRUTURA?

Fonte: Heinrich, 2004: 22-26

O TIPO DE SOCIEDADE DETERMINA PARTE DA QUALIDADE E DESEMPENHO DA SOCIEDADE CIVIL

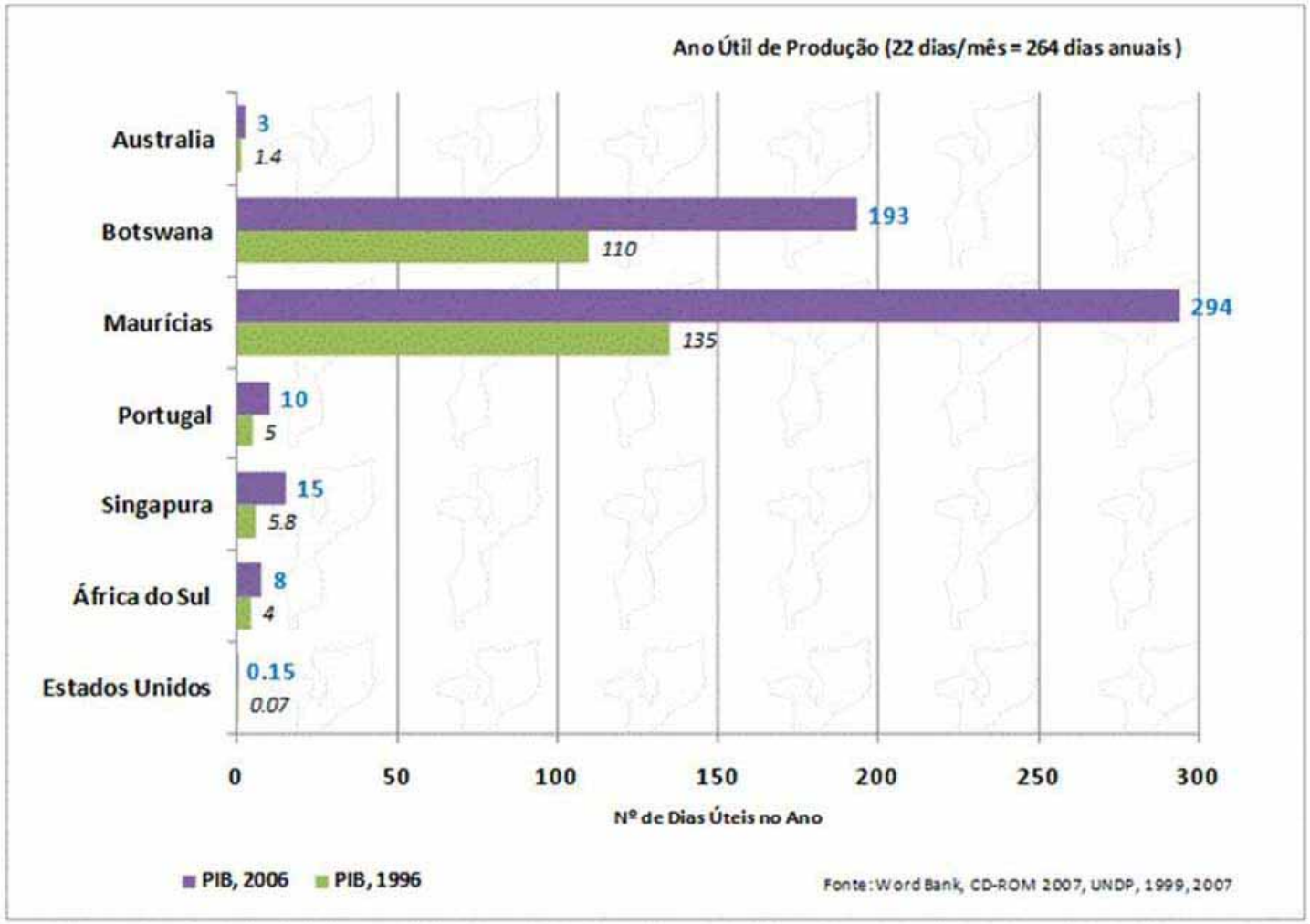
- Parte da fraqueza da SCM, deriva do ambiente que a circunda e determina as demais dimensões: estrutura, valores e impacto.
- Ambiente criado pelos principais actores: **mercado**, **família** e **Estado**.
- Se uma sociedade possui fraco desenvolvimento humano, económico e institucional, dificilmente se pode esperar que a sua sociedade civil não a reflicta, no que tem de progressivo ou regressivo, construtivo ou destrutivo.



Fonte: Heinrich, 2004: 22-26

EIXO AMBIENTE-ESTRUTURA DA SCM

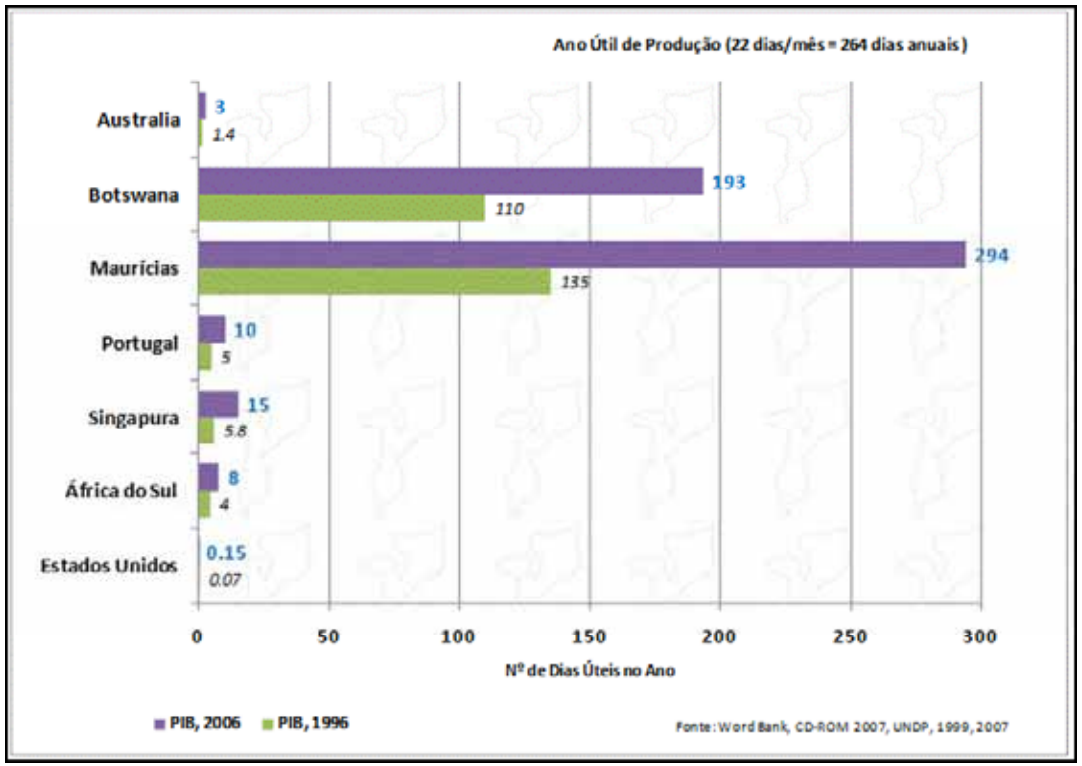
A QUESTÃO DA PRODUTIVIDADE - Em Quanto Tempo Produzem os Outros Países o que Moçambique Produz num Ano? (1996-2006)



PRODUTIVIDADE MOÇAMBICANA (EM TEMPO DE PRODUÇÃO) COMPARADA COM PAÍSES AFRICANOS, 1996 E 2006

MAURÍCIAS

- Com uma população igual à Cidade de Maputo (1.2 milhões de habitantes em 2005), em 1996 produzia em 4 meses o que Moçambique produzia num ano.
- Dez anos depois, as Maurícias produz praticamente o mesmo valor que Moçambique, significando um aumento da produtividade. Em vez de **6 meses,** Maurícias precisa **13 meses**.
- Não podemos esquecer que Maurícias tem 6% da população total de Moçambique.



BOTSWANA

- Com uma população equiparável à do Grande-Maputo (1.8 milhões de habitantes), em 1996 precisava de **5 meses** para produzir o mesmo que Moçambique produzia num ano.
- Agora, precisa de **9 meses.**

AFRICA DO SUL

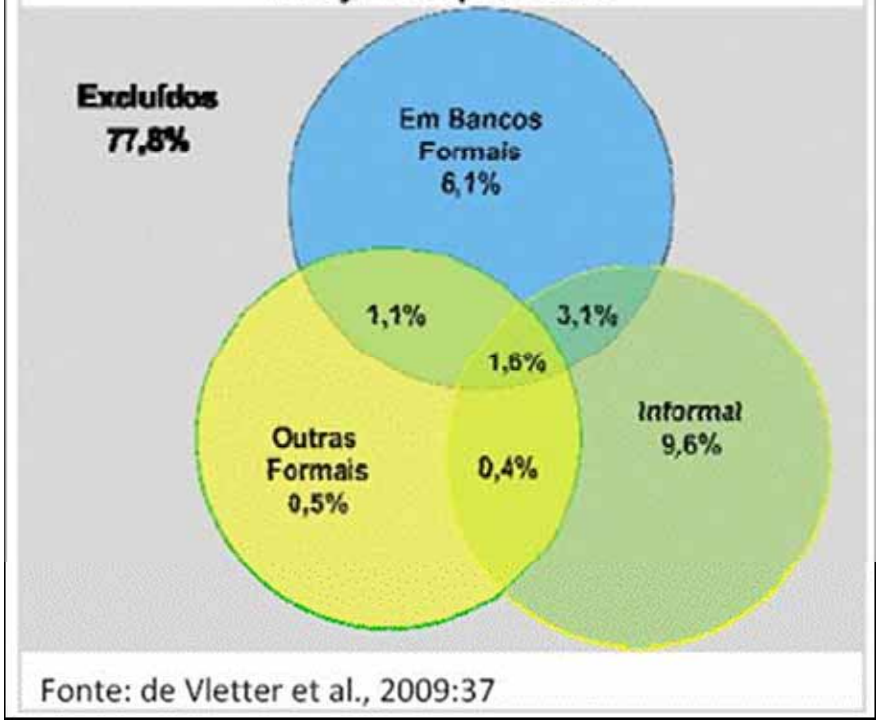
- Um caso mais extremo na África Austral. Tem praticamente o dobro da população, mas não é só por isso que produzia em **4 dias** (menos de uma semana) o que Moçambique produzia num ano.
- Agora precisa de **8 dias**. Uma semana apenas!

EIXO AMBIENTE-ESTRUTURA: MERCADO-ESTADO-SCM

QUAL A COBERTURA DO SISTEMA FINANCEIRO, FORMAL E INFORMAL?

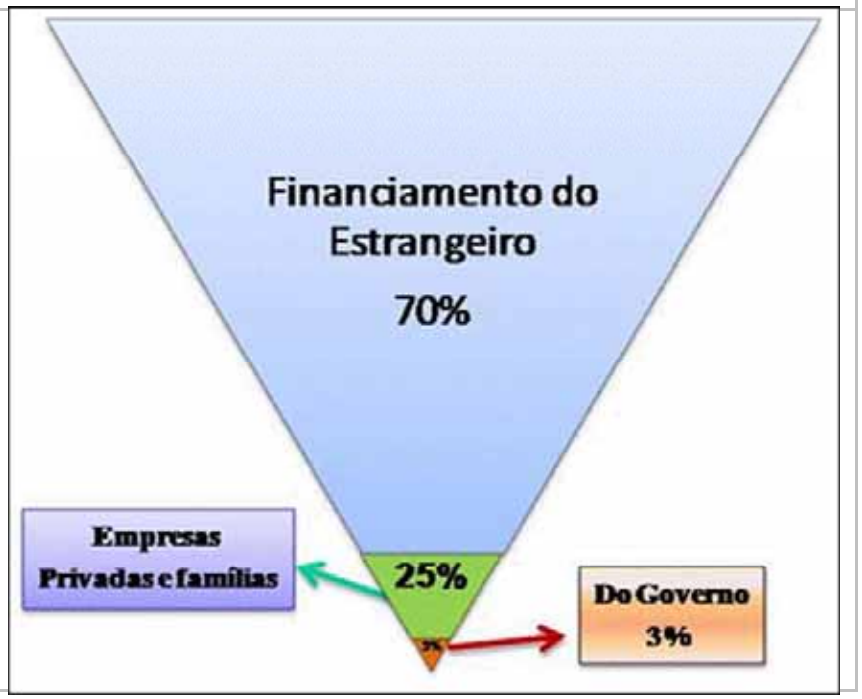
- 78% da população adulta estam excluídas do sistema financeiro, formal (bancos e outros) e informal: 87% rurais , 61% urbanos
- Menos de 10% com acesso informal

Figura 1: Mecanismos de Acesso Financeiro, Moçambique 2009



Fonte: de Vletter et al., 2009:37

Gráfico 9: Origem das Transferências Financeiras das OSC



EIXO AMBIENTE-ESTRUTURA: PROTECÇÃO SOCIAL

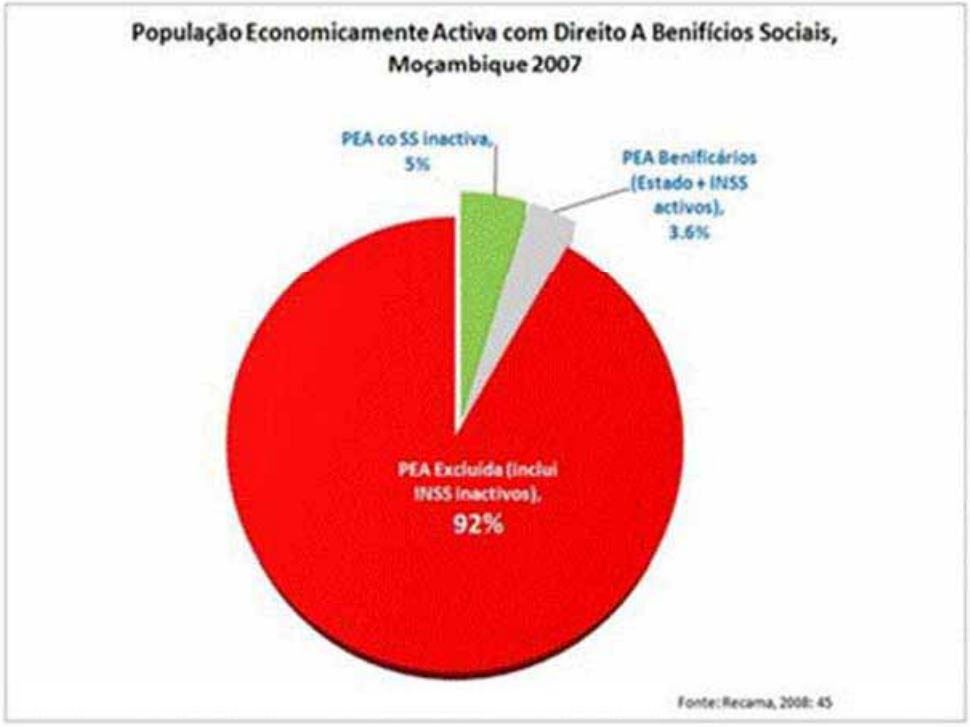
PROTECÇÃO SOCIAL FORMAL... PARA QUEM E QUANTO?

CONTRIBUTIVA E CARITATIVA

População Moçambicana de 15 e Mais Anos de Idade, 2007

	(em 1000 pessoas)	%
População Total (2007)	19.420	100
População com 15 e mais anos	14.410	74%
População Economicamente Activa (PEA)	10.196	53%
PEA por Sector de Actividade		
Assalariada	805	8%
Informal	7.647	75%
Desempregada	1.733	17%
PEA por Sector de Actividade		
Providência Social Estado)	170,0	1,7%
Inscritos no INSS até 2007	688,4	6,8%
Activos	193,3	1,9%
Inactivos	495,1	5%
População Abrangida pela P.S (Previdência Social + INSS)	858,4	8,4%
Trabalhadores com Direito aos Benefício Sociais (INSS Activos + Estado)	363,2	3,6%

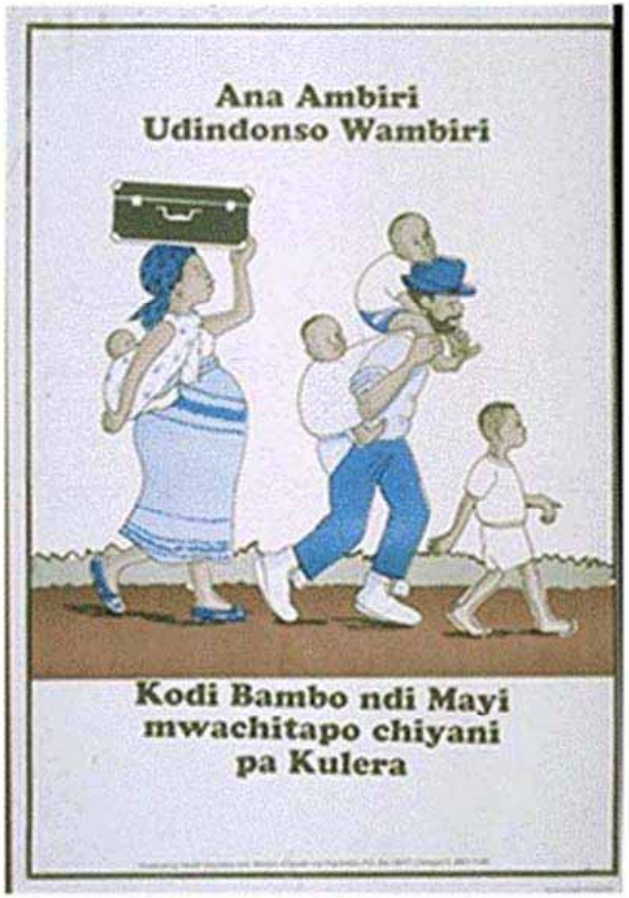
Fonte: Recama, 2008



EIXO AMBIENTE-ESTRUTURA: PROTECÇÃO SOCIAL REAL

TER MUITOS FILHOS:

- Esta é para a maioria da população, a solução para a segurança social na velhice e apoio na economia de subsistência (trabalho infantil).
- Presentemente, segundo os dados do INE, a força de trabalho infantil (1,2 milhões de crianças dos 5 aos 14 anos de idade) é maior do que a força de trabalho adulta, formalmente assalariada (≈700 mil).

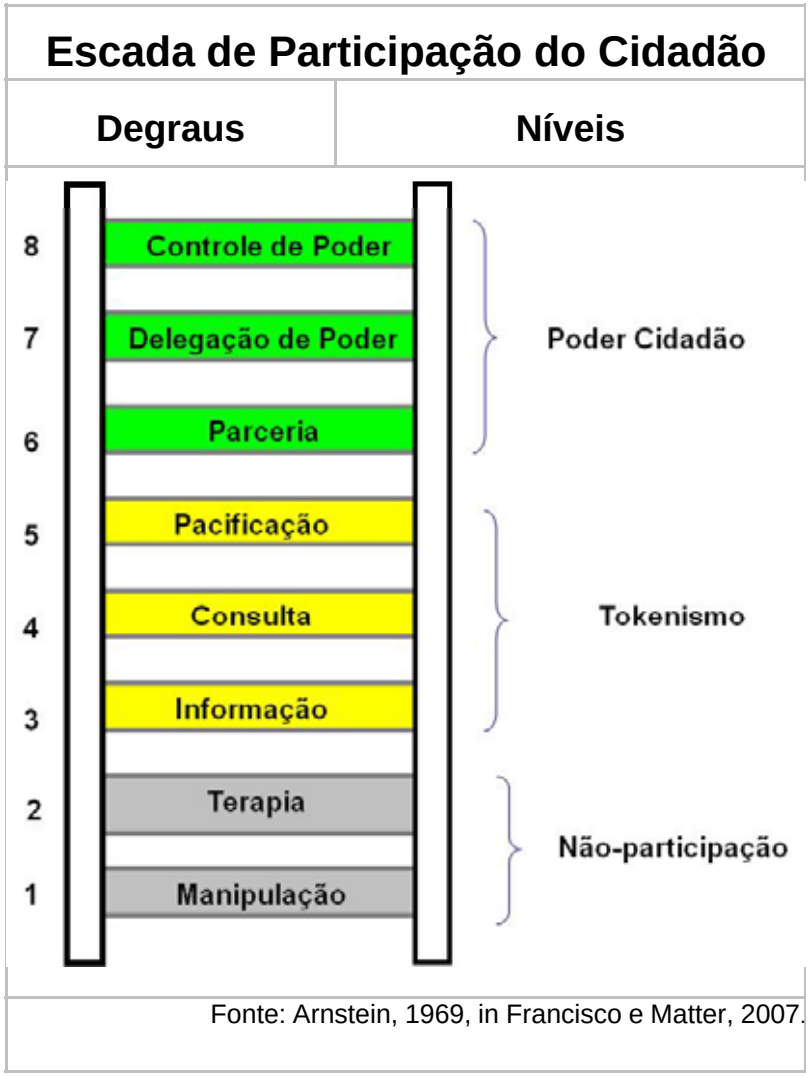


Malawi Ministry of Health and Population Services
http://www.m-mc.org/mmc_search.php?sp=&ref_crmb=&ref_id=&step=results&view=detail&detail_id=PO_MAL_7&adv=mat

Qual o Nível de Poder Cidadão?

Uma forma simples e clara de analisar o nível de poder cidadão é usar a chamada Escada da Participação do Cidadão, ilustrada na figura ao lado. De baixo para cima:

- **Degrau 1 (Manipulação) e Degrau 2 (Terapia):** na verdade representam uma falsa participação ou "não-participação". Não proporcionam poder cidadão genuíno, pois iludem ou enganam mais do que empoderam.
  - **Exemplos**: Mentiras e fraudes eleitorais, manobras e contorcionismos político e jurídicos, visando excluir os partidos da oposição, etc.
- **Degraus 3, 4 e 5 representam formas de "tokenismo"**, ou seja, auscultação e permissão aos despossuídos de se exprimirem, sem no entanto lhes outorgar poder **(3) Informação** – participação num só sentido, informar apenas; **(4) Consulta** - participação em dois sentidos, mas apenas para auscultação; os cidadãos podem ouvir e serem ouvidos, consultar ou serem consultados, mas não possuem poder efectivo para assegurar que as suas ideias e preocupações sejam tomadas em consideração pelos detentores do poder. **5) Pacificação -** Representa um nível mais elevado de tokenismo, porque as regras básicas permitem aos despossuídos e desempoderados exprimirem as suas opiniões, mas os detentores do poder reservam-se o direito de decidir.
  - **Exemplos**: Conselhos Consultivos, nos termos da LOLE; Mangermans;



Fonte: Arnstein, 1969, in Francisco e Matter, 2007.

Tokenismo – Forma dissimulada de praticar a discriminação de alguns sectores da sociedade, enquanto que transmite uma aparente aceitação daqueles indivíduos entre "iguais".

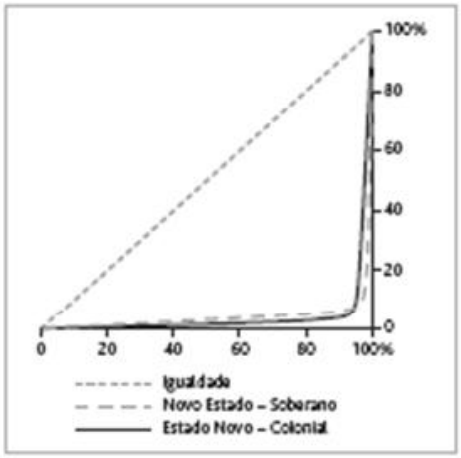
Qual o Nível de Poder Cidadão?

A nível económico-financeiro (1/3)

Qual é de facto o poder cidadão em termos económicos?

- Em relação à terra, principal activo económico e social, perante a Lei (de acordo com a Constituição da República) , o Estado é o único proprietário, enquanto que o cidadão e as comunidades foram convertidos em seus inquilinos.
- Na prática, o cidadão considera-se proprietário legítimo ou *de facto*, mas perante a Lei esse direito apenas confere o uso e aproveitamento da terra. A qualquer momento, o Estado pode usar outras leis (e.g. dos recursos minerais) para invalidar os direitos concedidos no quadro legal actual. Apesar da Lei proibir ao cidadão a venda, aluguer e hipoteca da terra, na prática a terra tem sido transaccionada por políticos, funcionários públicos e outras elites, resultando numa desigualdade crescente no acesso à terra, similar à que existia antes da Independência - 1975.
- No sector público, a desigualdade salarial é enorme e crescente, quando comparamos o salário base formal com os salários complementares + subsídios .

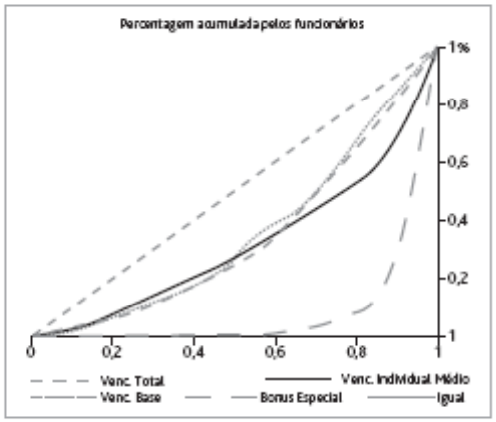
FIGURA 6: Desigualdade na apropriação da terra agrícola (Coeficiente de Gini e Curva de Lorentz), Moçambique em 1970 e 2000



Fonte: Presidência do Conselho, 1973: 16; INE, 2002.

FIGURA 7: Imagens da crescente desigualdade salarial na função pública em Moçambique

7a: Curva de Lorentz na função pública – salário base *versus* salários complementares, Moçambique 2003-04



Fonte: INE, 2002.

Qual o Nível de Poder Cidadão?

A nível económico-financeiro (2/3)

O poder económico do cidadão relativamente ao Orçamento do Estado:

O Poder Central tem concentrado pelo menos 2/3 do poder de decisão sobre o Orçamento do Estado. Em 2010, como demonstram os dados da tabela seguinte, o PODER CENTRAL controla 72% da execução do Orçamento Geral e mais ou menos 90% da execução do Investimento. Isto mostra a exiguidade do papel do chamado Fundo de Iniciativa Local (vulgo "7 milhões"), o qual a iniciativa tem sido totalmente centralizada e dinamizada pelo Presidente da República.

3. Envelope de Recursos 2010

MBCONSULTING

DESPESAS 2010	TOTAL	%	Funcionamento	%	Investimento	%
Total Despesas	**117.977,22**	**100,0**	**62.172,18**	**100,0**	**55.805,05**	**100,0**
Central	85.117,95	72,1	36.302,96	58,4	48.814,99	87,5
Provincial	26.134,84	22,2	21.599,50	34,7	4.535,34	8,1
Distrital	5.659,95	4,8	3.560,06	5,7	2.099,89	3,8
Autarquico	1.064,49	0,9	709,66	1,1	354,83	0,6

Qual o Nível de Poder Cidadão?

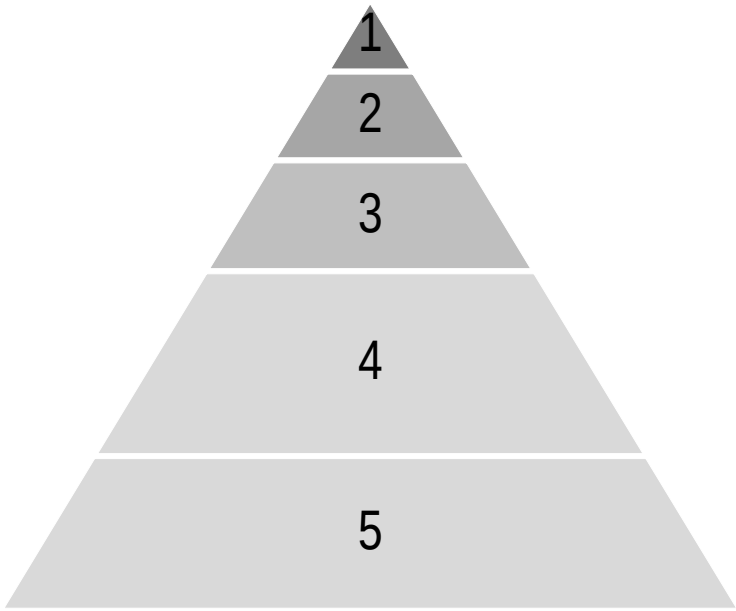
A nível económico-financeiro (3/3)

O poder económico do cidadão moçambicano, a nível da RENDA:

- **75% com $1,25 ou menos por dia (16 milhões de pessoas)**
- **90% com $2 ou menos por dia (20 milhões de pessoas)**

Figure 15: A Pirâmide da Renda em Moçambique 2010

Poder de Compra em Moçambique			População em 2010	
	Dia	Ano	Milhões	% Acumulado
1	>$2	$730	2.2	100%
2	$1.25-$2	$593	3.4	90%
3	$1.25-$0.90	$392	4.5	75%
4	$0.90-$0.32	$223	11.9	54%
5	<$0.32	$120		



Fonte: Francisco, 2010c.

Qual o Nível de Poder Cidadão?

A nível político

Qual é, de facto, o poder político do cidadão moçambicano?

- Descentralização ou ilusão de descentralização política? Que tipo de descentralização político-administrativa existe, quando o PODER DIRECTO DO CIDADÃO representa 4% e o poder delegado 96%?
- Menos de 1/3 da Administração Pública funciona em conformidade com a Constituição. Nos restantes 2/3 os dirigentes não são eleitos, mas nomeados pelo partido no poder, cujos dirigentes são eleitos por pouco mais de 1/3 do eleitorado.
- CONSELHOS CONSULTIVOS? Por que não CONSELHOS PARTICIPATIVOS?
- Quando é que a Administração Pública será harmonizada? Daqui a 128 anos, já que temos 128 distritos? Vamos precisar de 128 anos para a implementação do direito de escolha e monitoria do cidadão, consagrado na Constituição da República , se torne extensivo a todos os cidadãos?
- Por enquanto, a maioria dos cidadãos apenas desfrutam do direito de serem **INFORMADOS**, **"AUSCULTADOS"**, **"CONSULTADOS"**.

Figura 5a: Poder Directo e Poder Delegado do Cidadão

Fonte: Francisco, 2007

O MAIOR DESAFIO DE MOÇAMBIQUE: QUE TIPO DE INSTITUIÇÕES … PROMOTORAS DO SUBDESENVOLVIMENTO OU DESENVOLVIMENTO?

INSTITUIÇÕES REGRESSIVAS

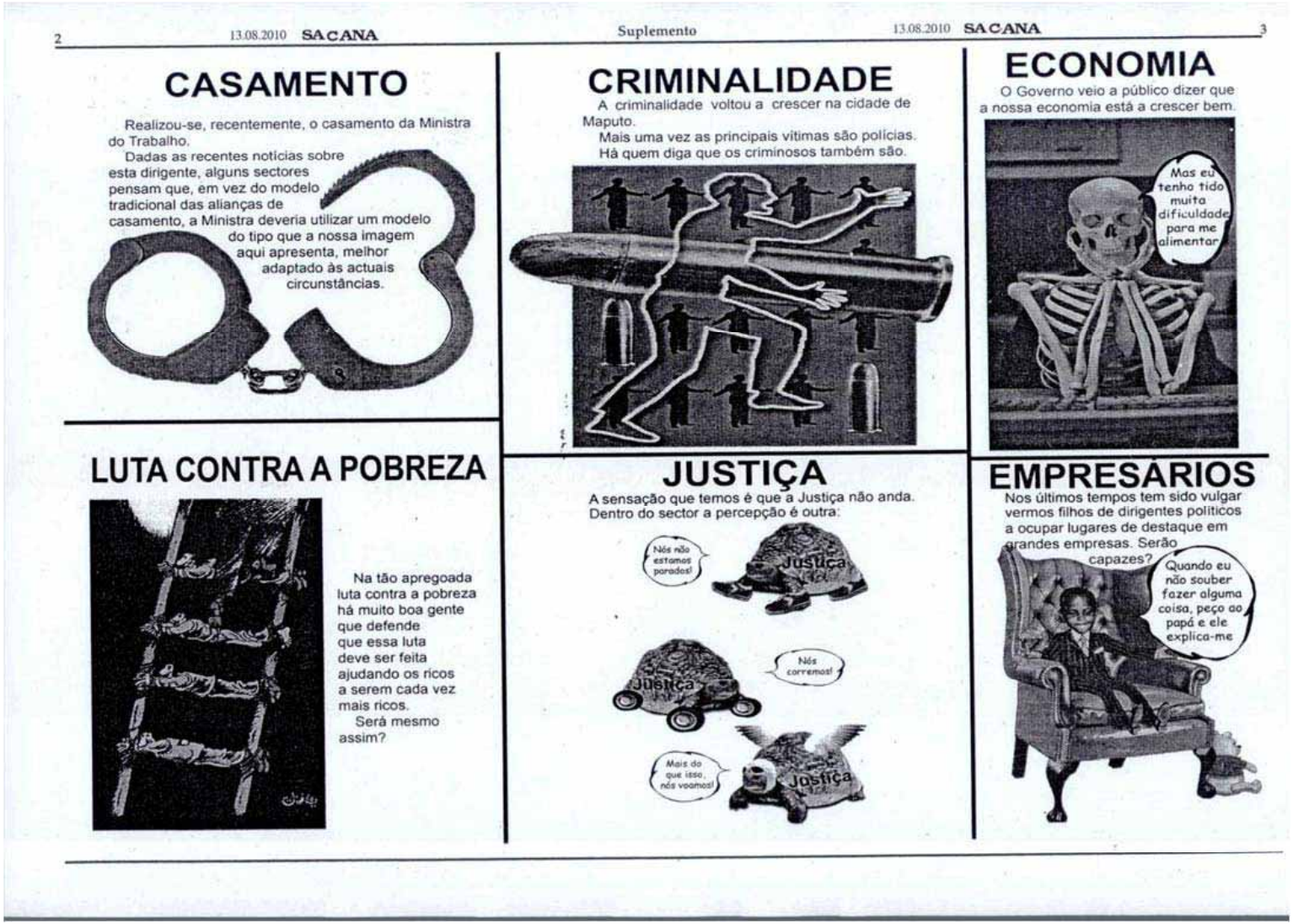
1. Relações económicas (de propriedade) e políticas (de poder manipulado) predadoras, extractivas e obscuras.
2. Cabrito come onde está amarrado.
3. Cultura de tudo roubar
4. Culto à irresponsabilidade
5. Deixa-andar
6. Corrupção
7. Sistema de justiça precário e discriminatório

INSTITUIÇÕES PROGRESSIVAS

1. Relações económicas (respeito pela propriedade privada) e políticas (poder cidadão) inclusivas , transparentes e confiáveis
2. Cultura de respeito pela Lei
3. Sistema de Justiça efectivo
4. Cultura da responsabilidade
5. Descentralização efectiva, do poder e da propriedade.
6. Prioridade para a criação de infra-estrutura institucionais boas

INSTITUIÇÕES COMO REGRAS DE JOGO

(O Sacana, no estilo humorístico que o caracteriza, tem apontado exemplos de instituições mais favoráveis ao subdesenvolvimento do que desenvolvimento)



2 13.08.2010 SACANA Suplemento 13.08.2010 SACANA 3

CASAMENTO

Realizou-se, recentemente, o casamento da Ministra do Trabalho.

Dadas as recentes notícias sobre esta dirigente, alguns sectores pensam que, em vez do modelo tradicional das alianças de casamento, a Ministra deveria utilizar um modelo do tipo que a nossa imagem aqui apresenta, melhor adaptado às actuais circunstâncias.

CRIMINALIDADE

A criminalidade voltou a crescer na cidade de Maputo.

Mais uma vez as principais vítimas são polícias. Há quem diga que os criminosos também são.

ECONOMIA

O Governo veio a público dizer que a nossa economia está a crescer bem.

Mas eu tenho tido muita dificuldade para me alimentar

LUTA CONTRA A POBREZA

Na tão apregoada luta contra a pobreza há muito boa gente que defende que essa luta deve ser feita ajudando os ricos a serem cada vez mais ricos.

Será mesmo assim?

JUSTIÇA

A sensação que temos é que a Justiça não anda. Dentro do sector a percepção é outra:

Nós não estamos parados!

Justiça

Nós corremos!

Justiça

Mais do que isso, nós voamos!

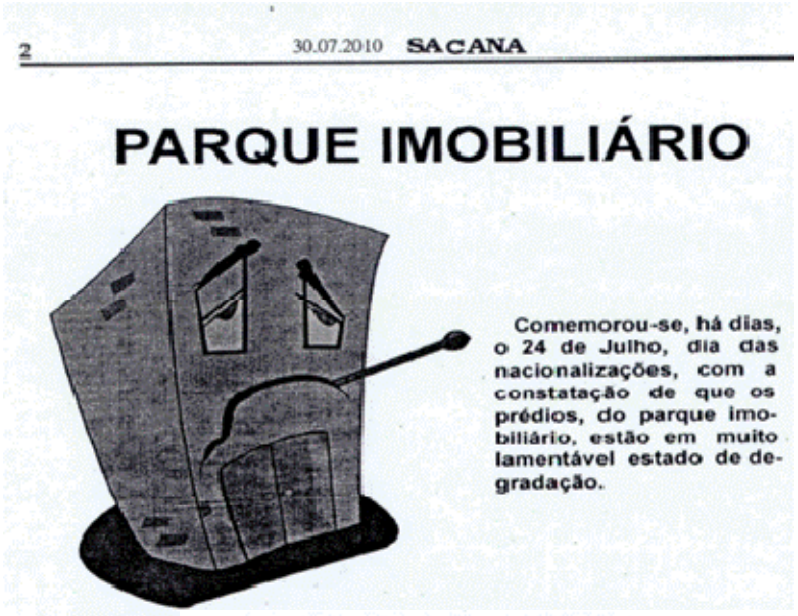
Justiça

EMPRESÁRIOS

Nos últimos tempos tem sido vulgar vermos filhos de dirigentes políticos a ocupar lugares de destaque em grandes empresas. Serão capazes?

Quando eu não souber fazer alguma coisa, peço ao papá e ele explica-me

Instituições de propriedade



Instituições do poder político

A TRAGÉDIA DOS COMUNS: Roubar ao Desenvolvimento para outros Subdesenvolvimentos

De boi para Burro?

Numa Presidência Aberta

4 NOTÍCIAS, 29 JULHO DE 2010

Província do Maputo

Envol[illegible] impre

A PROVÍNCIA do Maputo viveu na última semana quatro dias de uma agitação empolgante, momentos ímpares que ficaram marcados para toda a população ao receber e conviver com o Presidente da República, Armando Guebuza, que percorreu quatro distritos no âmbito da presidência aberta e inclusiva. Os distritos da Manhiça, Moamba, Matutuíne e Boane foram os escolhidos, mas toda província [illegible] contagiada pela presença do cidadão número [illegible] do nosso país, que no final da visita não [illegible]

Para combater a pobreza temos que acreditar – Armando Guebuza

Burros no lugar de bois

NO prosseguimento da sua visita de trabalho à província do Maputo, Armando Guebuza [illegible] quarta-feira o posto administrativo de Pessene, no distrito da Moamba, onde deparou-se com um problema menos comum, com a população a elogiar os esforços do Governo nos programas de fomento pecuário, mas desmotivada pela onda de roubos que acontecem.

Um ancião, cansado de tanto ser roubado, pediu ao Presidente Armando Guebuza que no lugar de bois o Governo devia comprar burros para tracção animal, pois os bovinos são roubados, esfolados e a sua carne vendida na cidade de Maputo.

"Estamos a pedir ao Senhor Presidente que nos tragam burros no lugar de bovinos, porque os roubos estão cada vez mais a aumentar. Como ainda não descobriram a maneira de consumir a carne de burro podemos usar estes animais para tracção", disse.

A falta de água e a queda irregular da chuva constituem também alguns constrangimentos que influenciam negativamente a produção agrícola, tendo a população pedido ao Chefe do Estado para que se encontre a solução destes problemas.

Aqui a nota dominante na mensagem de Armando Guebuza foi a necessidade de combater a desmatação de todo o país, através do plantio massivo de árvores. Na sua chegada ao posto administrativo de Pessene, Armando Guebuza plantou uma árvore, exemplo seguido por toda a comitiva que o acompanhava naquela visita de trabalho da presidência aberta e inclusiva.

Revelou que durante a infância ia sempre a Pessene visitar os seus tios, por isso sabia que aquela região teve sempre problemas de falta de água. Para o consumo, a água era levada de comboio a partir da cidade de Maputo. Aproveitou o momento para alertar a população sobre as mudanças climáticas e o que se pode fazer para inverter a situação.

"Em Pessene houve sempre falta de água e a queda pluviométrica é cada vez [illegible] facto que se [illegible] em muitos pontos do país, o que chega a provocar seca e em determinados lugares cheias. Uma das causas das mudanças climáticas é o abate indiscriminado de árvores pelo Homem, um fenómeno que ocorre não apenas no nosso país, mas em diversos outros pontos do planeta. Aqui em Moçambique temos este fenómeno. Cortam ou queimam árvores à procura de ratos. Fazem carvão e provocam queimadas descontroladas e acabam com as árvores sem, no entanto, plantar outras para a sua substituição", disse Guebuza, para quem devemos plantar mais árvores para uso e para purificação do ar.

Recomendou para o prosseguimento e dar maior dinâmica aos projectos "Uma criança uma árvore por ano" e "Um líder uma floresta", o que vai impulsionar a criação de matas comunitárias que, ao lado das naturais, vão poder fornecer lenha, madeira e estacas.

Ao contrário do que tem defendido Carlos Serra, considero que roubar ao desenvolvimento gera subdesenvolvimento, em vez de "outros desenvolvimentos".

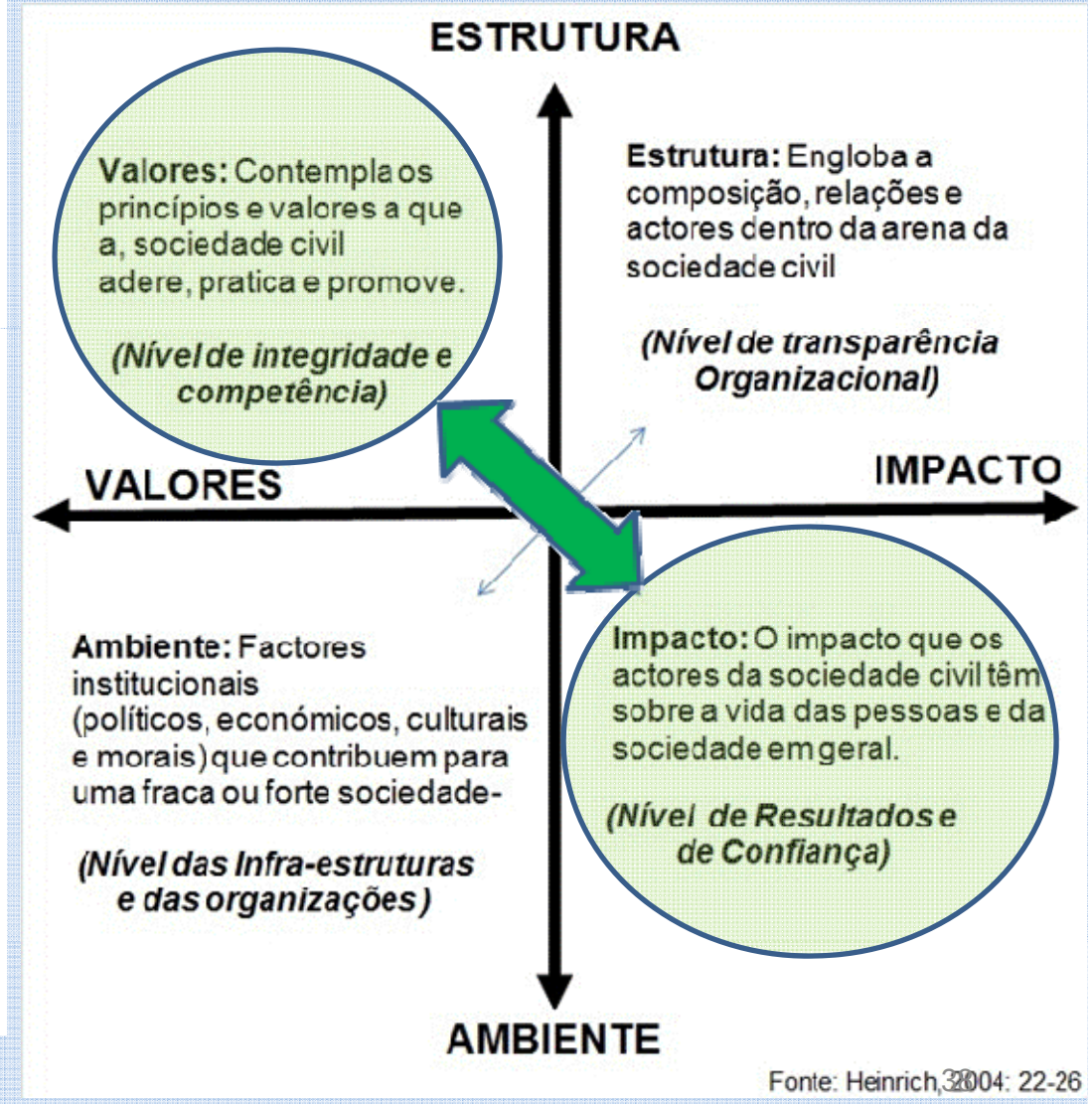
De qualquer forma, para mais testemunhos sobre a expansão da "cultura de tudo roubar", ver postagens no Blog Diário de um Sociólogo. →

http://oficinadesociologia.blogspot.com/search?q=roubo

NEM TUDO NA SC DEPENDE DA SOCIEDADE EM GERAL

Como Melhorar a Relação GdM-SCM no EIXO VALORES-IMPACTO?

- **A SCM não inspira confiança, PORQUÊ?** A fraca confiança ou mesmo desconfiança não é culpa apenas da sociedade em geral.
- **Confiança não se pede, nem se compra.** Conquista-se!
- Confiança conquista-se por via da credibilidade, autoridade e respeito.
- As OSC e suas lideranças, podem e devem esforçar por inverter a situação por duas vias:
  - **Maior carácter, integridade e dignidade,**
  - **Aumento de competências, técnicas e educacionais, dos seus membros , líderes e gestores.**



Fonte: Heinrich, 2004: 22-26

O PRINCIPAL DESAFIO DA SCM É A CONFIANÇA E CREDIBILIDADE

↑Confiança = ↑Velocidade e ↓Custo

↓Confiança = ↓Velocidade e ↑Custo

- A confiança depende de dois princípios de excelência - velocidade e custo – com implicações directas na produtividade e eficiência.

- **Quando aumenta a confiança aumenta a velocidade e diminuiu o custo das relações e diálogo. E vice-versa.**

- A confiança depende de 3 elementos: **exactidão da informação, carácter (confiabilidade, competência e honestidade**) e da boa vontade. Transparência e confiança são duas das forças cruciais em busca da qualidade e excelência. São cruciais não só para os negócios lucrativos, mas para qualquer outra forma de esforço produtivo, não lucrativo.

A FORÇA MORAL DERROTA A BAJULAÇÃO E SERVILISMO, CONQUISTANDO CREDIBILIDADE

5 IMPERATIVOS IMPORTANTES PARA CONQUISTAR CONFIANÇA

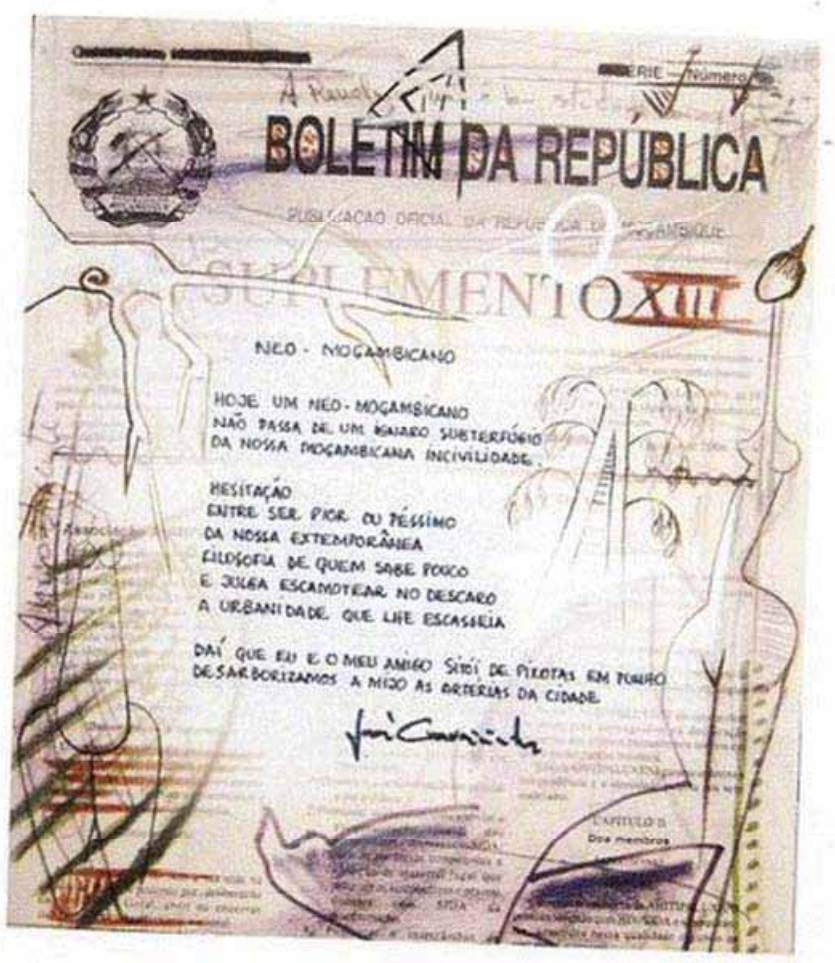
- Imperativos da**CREDIBILIDADE E CONFIANÇA**:
  - **Coragem**
  - **Honestidade**
  - **Transparência**
  - **Excelência**

O FUTURO CIDADÃO É ESTE NEO-MOÇAMBICANO?

Hoje um neo-moçambicano
Não passa de um ignaro subterfúgio
Da nossa moçambicana incivilidade

Hesitação
Entre ser pior ou péssimo
Da nossa extemporânea
Filosofia de quem sabe pouco
E julga escamotear no descaro
A urbanidade que lhe escasseia

Daí que eu e o meu amigo Sitói
de pixotas em punho
Desarborizamos a mijo as artérias da cidade



(Craveirinha, in Nagib, 2008: 25)

CORAGEM

Acreditar na SCM é extremamente arriscado, mas deixar de o fazer será ainda mais arriscado. **Acreditar que o Governo deseja melhorar o diálogo e a relação com a SCM (no sentido de um relacionamento adulto, profissional e de mútuo respeito) também é arriscado, mas deixar de o fazer seria muito mais arriscado ainda.**

- Não é uma questão de "Quem não arrisca não petisca".
- Existem razões, de ambas as partes, para acreditar que a desconfiança e a relação amorfa actualmente existente, sejam superadas.
- No passado, quando o poder político optou por não acreditar na sociedade, resultou num desastre. **Foi assim com o poder colonial**. Não aceitou dialogar e mudar as relações com a SCM. Qual foi o resultado? Uma parte da SC transformou-se num partido político armado que passou a dominar o Estado desde a Independência, em 1975.
- O Estado monopartidário optou por sufocar a SCM, alegadamente para evitar ser lacaio do inimigo. O que deu? **Uma guerra civil de 16 anos**.
- A longa tradição de absolutismo, no controlo dos recursos financeiros e fundiários; na centralização extrema, no dirigismo e intervencionismo, têm dificultado o desenvolvimento de uma SCM inovadora, competente e confiante.

DESAFIO DA CORAGEM E HONESTIDADE (1/2)

- No artigo defendo a necessidade de uma **DIGNIDADE PACIFISTA**, retomando um ponto abordado em 2008, em Joanesburgo

  http://www.iese.ac.mz/lib/af/pub/CSBuildingWorkshop-Joburg-Indaba22-23.05.2008rev.pdf
- Vai ser preciso muita coragem e esforço, se queremos evitar que o ditado popular, **"Não há duas sem três",** se torne realidade em Moçambique.
- **Naquela apresentação referi-me à possibilidade de uma nova guerra, certamente diferente das anteriores, mas nem por isso menos violenta e destrutiva, se de facto, a população desistir em tentar resolver pacificamente seus problemas locais e familiares, face à desilusão com o Estado, agravada por eventual autoritarismo e repressão governamental.**
- **Em meio século, Moçambique sofreu 26 anos de guerra**, resultante de duas guerras nacionais, causada por motivos diferentes, mas recorrendo a meios e resultados similares – **destruição e morte.**
- Será que os moçambicanos nas próximas gerações, irão ser capazes de evitar **uma terceira guerra ou conflitos violentos**, como prevê o ditado popular, "Não há duas sem três"? Se não há duas sem três, quando será a terceira?
- Vários analistas tentam convencer-nos que o perigo da guerra está ultrapassada. O relatório do MARP (Mecanismo Africano de Revisão de Pares) sugere sem convicção, que o pior já passou:

DESAFIO DA CORAGEM E RESPONSABILIDADE (2/2)

"A conjuntura nacional e regional prevalecente, permite acalentar esperanças de que o retorno à guerra em Moçambique é uma hipótese pouco provável. Contudo, existem no país factores de natureza *político-militar* **e** *socio-económica* **que devem ser tomados em linha de conta na governação política do país, para assegurar que a paz, estabilidade e segurança se consolidem. São exemplos desses factores, a pobreza que afecta a maioria da população moçambicana, o elevado custo de vida, o desemprego, a exclusão social e a presença de homens armados, somente para citar alguns"** (MARP, 2006: 19).

- "Acalentar esperanças" soa mais a hesitação, dúvida reservada, do que propriamente convicção e confiança . É muito insuficiente. Denuncia grande falta de confiança, porque de facto existem poucos motivos para certezas.
- **Moçambique tem conseguido evitar o ESTADO FALHADO, mas será capaz de superar o actual ESTADO FALIDO? Até aqui tem conseguido evitar o Estado Falhado recorrendo a três vias:**

1. Apoio financeiro massivo ao Estado pelos doadores internacionais;
2. A liderança política dominante, ainda não precisou de se converter numa força política intoleravelmente repressiva. Moçambique é um Zimbabwe "soft", porque ainda não se Mugabizou.
3. Algumas das OSC e personalidades, têm-se esforçado e de algum modo, têm conseguido mostrar aos governantes, que a sociedade moçambicana não deseja voltar a ser empurrada para opções de violência armada. Enquanto os governantes sentirem que perdem mais do que ganharam se recorrerem à violência, a população em geral pode ser poupada do pior.

Bad Things Come in Threes

Extracto da apresentação em
www.iese.ac.mz/lib/af/pub/CSBuildingWorkshop-Joburg-Indaba22-23.05.2008rev.pdf

But what is really becoming astonishing is the stance of regional leaders towards shocking human tragedy such as the one in Zimbabwe. Some are even going as far as denying that the Zimbabwean post-election crisis is "no crisis". This reminds me the funny lyrics of Mr. Bobby McFerrin's song:

"Don't Worry, Be Happy".

www.youtube.com/watch?v=yHFDa9efCQU

We might have to admit that some SADC's countries are increasingly becoming funs of Mr. McFerrin's moto:

"... In every life we have some trouble

When you worry you make it double

Don't worry, be happy ...".

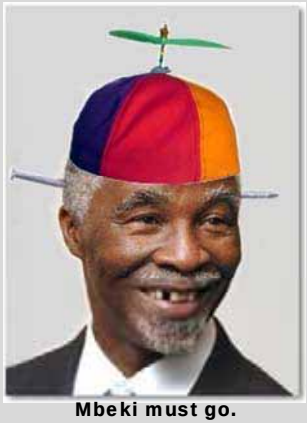
Botswana raps 'no crisis' Mbeki

Zim 'increasing the decibels of insanity'
Wendell Roelf | Cape Town, South Africa

06 June 2008 12:23
Zimbabwe's harassment of diplomats and aid groups shows it will fail to respect the rule of law during the June 27 presidential election run-off, the country's main opposition party said on Friday.

Mbeki 'not fit' to mediate in Zimbabwe
Chris McGreal, Johannesburg
June 3, 2008
Page 1 of 2 | Single Page View

20 May 2008
'No crisis' Mbeki must go



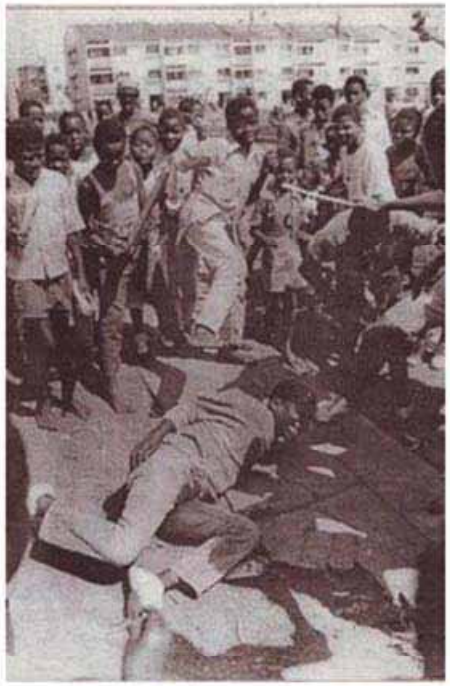
Mbeki must go.
http://iluvsa.blogspot.com/2008/05/no-crisis-mbeki-must-go.html

AFRICA LETTER
Mbeki should blame himself for South Africa's troubles

CORAGEM PARA LIDAR COM NEGLIGÊNCIA, ARROGÂNCIA E AUTORITARISMO

Tragédia em Maputo, 22 de Março de 2007:
Explosões em depósitos de armas militares. Mais de 100 pessoas foram mortas e várias centenas ficaram feridas, quando bombas e morteiros explodiram. Nem no tempo da guerra, Maputo foi vítima de tamanha catástrofe destrutiva.
Que responsabilização real conseguiu a SCM dos responsáveis deste desastre?

CORAGEM PARA LIDAR COM REPRESSÃO, FALTA DE PROTECÇÃO PÚBLICA E PRIVADA AO CIDADÃO



Novembro de 2000 - Moçambique foi abalado pela notícia da morte misteriosa de 80 presos, numa prisão em Montepuez. Na altura, o Presidente Chissano culpou a Renamo, dizendo que incitou à violência, enquanto a Renamo culpou a Frelimo, partido no poder. Em Montepuez, acima, 46 sepulturas de apoiantes da Renamo.

Os sucessivos linchamentos, sintoma de Estado Falhado?

Maputo, Manica e várias outras partes do país têm sido abalados por linchamentos.

Cidade de Maputo: Em 05 de Fevereiro de 2008 protestos de milhares de pessoas surpreenderam a Capital, em reacção aos aumentos dos preços dos transportes. O resultado? O Governo congelou os aumentos e subsidiou parte dos custos.

COMO LIDAMOS COM O TRÁFICO, CRIME E ROUBO?

➢ Crescimento da Economia Canalha

O que faz a SC contra a ECONOMIA CANALHA? A economia informal delituosa, em crescente competição com a Economia Formal, em sectores como

- Tráfico de drogas e humano,
- Contrabando de minerais,
- Tráfico de carros e outros produtos;
- Assassinatos, assaltos, roubos

Aproveitando-se da fraca fiscalização em Cabo Delgado

Tanzanianos contrabandeiam madeira moçambicana na fronteira do Rovuma

Por JONAS WAZIR

Quantidades não especificadas de madeira moçambicana de diversas espécies estão a ser contrabandeadas para a vizinha República Unida da Tanzania através da fronteira de Rovuma, a Norte de Cabo Delgado.

Informações em nosso poder indicam que cidadãos tanzanianos entram no país através da fronteira do Rovuma onde cortam, serram e transportam madeira para o seu país, com a conivência de alguns moçambicanos que se empregam aos violadores e tratam de abrir estradas nas matas fechadas, aproveitando-se da fraca fiscalização por parte das autoridades moçambicanas, situação que não se verifica na outra margem.

Um dos violadores da fronteira, o moçambicano Shaibo Ngadje, tinha sido capturado e detido pela Polícia da República de Moçambique, contudo mais tarde foi ilibado pelo Tribunal Distrital de Mueda, alegadamente por falta de provas. O chefe da companhia da Força de Guarda-Fronteira no posto de travessia de Namatil, Pedro Manda, disse à nossa Reportagem que a libertação do réu desmoralizou a sua corporação que tanto esforço faz na fiscalização e punição dos infractores.

Pedro Manda argumentou que depois de terem detido e conduzido o suspeito para a sede distrital de Mueda, Shaibo foi à Guarda-Fronteira exibir a guia de soltura assinada pelo juiz do Tribunal Distrital e ele continua a passear a sua classe na localidade de Namatil.

Explicou que o grande mandante do contrabando de madeira na região de Namatil chama-se Bahati Nkoma, residente da cidade tanzaniana de Mtwara, que através de alguns dos seus compatriotas e comparsas nacionais dirige a violação da fronteira e contrabando de madeira para aquele país vizinho, o que constitui fuga ao fisco e defraudação do Estado moçambicano.

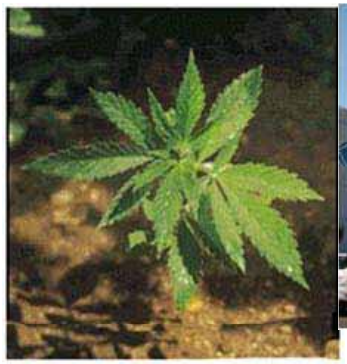
Mas populares daquela região acusam a Polícia de Guarda-Fronteira de ser a principal culpada por toda esta violação, afirmando haver colaboração entre a corporação e o tanzaniano Nkoma, pois em quase toda mata da zona foram abertas estradas por onde ele arrasta madeira por meio de tractores, e consideram que a detenção de Ngadje não passou de simulação da acção policial.

O governador de Cabo Delgado, que recentemente visitou aquela zona, foi confrontado com queixas da população segundo as quais a Polícia de Guarda-Fronteira faz péssimo trabalho, o que é diferente do lado tanzaniano, onde não se aceitam brincadeiras. Segundo as mesmas denúncias, Ngadje foi capturado com um tractor carregado de madeira, tendo mais tarde a mercadoria sido transportada para a outra margem do rio Rovuma de canoas, como tem sido hábito na acção dos violadores.

Lázaro Matho, que mais tarde contactou o chefe da Força de Guarda-Fronteira no posto de Namatil, ouviu a justificação do que a acção do Tribunal Distrital de Mueda desmotiva a corporação porque sempre que manda criminosos para julgamento este os ilibra alegando falta de provas. De Janeiro a esta parte foram capturados naquela fronteira 148 violadores de fronteira, dos quais 75 tanzanianos.

Naquele posto fronteiriço, foi construído um edifício recentemente inaugurado pelo governador de Cabo Delgado, onde vão funcionar forças de três instituições, nomeadamente da Migração, Guarda-Fronteira e das Alfândegas.

A unidade da Guarda-Fronteira em Namatil reclama meios para fiscalizar os cerca de 600 quilómetros que compreendem a extensão da fronteira de Cabo Delgado com a República Unida da Tanzânia.



EUA punem alegado barão da droga moçambicano
www.bbc.co.uk/portugueseafrica/news/story/2010/06/100602_mozusdrugsmt.shtml

CORAGEM PARA LIDAR COM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

- A violência, sobretudo a violência silenciosa doméstica, contra a mulher e a criança.
- Novas formas de **escravidão e servidão doméstica**, incluindo **tráfico de pessoas e órgãos humanos**, forma degradante e desumanas de condições de trabalho e de vida.
- **"Empregados domésticos ainda são vistos como "escravos". A**MUECO (Associação de Mulheres Empregadas Domésticas, com quase 5.875 membros) denuncia falta de contratos de trabalho, discriminação no local de trabalho, horas excessivas de trabalho diário, salários abaixo do mínimo estabelecido, falta de apoio por parte do patronato em caso de doença ou de morte, etc.

7 Agosto 2007 **Empregadas domésticas lutam**

A Associação de Mulheres Empregadas Domésticas está a discutir um regulamento destinado a uniformizar as relações existentes entre empregadas e patrões.

View blog reactions *posted by Carlos Serra at 8/27/2007 04:51:00 PM*

QUE EXPECTATIVAS EM TORNO DA SCM?

- **CAOS NOS TRANSPORTES**

  O perigo das convulsões sociais urbanas, similares a 5 de Fevereiro de 2008 em Maputo.

- **4. A delapidação do activo público, desde a terra , aos bens do Estado apropriados pela Frelimo na Beira, à privatização de muitos outros bens**. As tensões entre o Estado, Partido Frelimo e o Município da Beira.

Ainda sobre as sedes do confronto na Beira

Ainda sobre as "sedes do confronto" na cidade da Beira (aqui e aqui), confira prismas de visão e análise aqui, aqui, aqui e aqui. Finalmente, leia abaixo os dois últimos parágrafos do editorial do semanário "Savana" com data de 16/07/2010, intitulado "Inventariar depois do assalto":

> É muito embaraçoso que um partido com a dimensão e experiência que a Frelimo tem, e que está envolvido em quase tudo quanto é negocio neste país, tenha que disputar a posse de umas casas com um pobre município que mais precisa dessas casas para a realização das suas actividades de interesse público. É mais embaraçoso ainda por se tratar do partido que exerce o poder do Estado ao nível central, e como consequência aquele que deveria estar mais interessado no sucesso da governação municipal, pois tal sucesso só serve para reforçar a ideia de um governo competente e cômprometido com o bem estar dos cidadãos, estejam estes em municípios controlados pela oposição ou não.
>
> O conflito da Beira voltou ao domínio do público precisamente um dia depois do fim de uma reunião dos secretários das células da Frelimo em todo o país, o que vem reforçar a posição daqueles que defendem o ponto de vista de que a Frelimo dos últimos cinco anos tem se esforçado em controlar o país como se se tratasse de sua propriedade privada. É simplesmente vergonhoso!

http://oficinadesociologia.blogspot.com/

A musculação policial urbana (1)

SAVANA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE

O preço da arrogância

Estado de Sítio!

Na sequência das manifestações populares contra o elevado custo de vida e o agravamento dos preços dos combustíveis, de água, energia e pão, o chefe do Estado, Armando Guebuza, não decretou formalmente o Estado de Sítio como manda a Constituição da República quando a desordem que se instala atinge proporções alarmantes, mas a realidade vivida esta semana nas ruas de Maputo e Matola foi de um autêntico Estado de Sítio. O ministro do Interior, José Pacheco, diz que não autorizou nenhum polícia a disparar balas verdadeiras, mas todas as mortes confirmadas foram causadas por elas. Nas noites, os tiros impuseram o recolher obrigatório. O SAVANA esteve no terreno e conta o que viu. Tal é o preço da arrogância. Pág. 2 e 3

A revolta do "maravilhoso povo"

Saturado do sufoco da vida, os moçambicanos, melhor dizendo, os residentes de Maputo cidade e província organizaram-se, via sms e acertos *boca a boca*, para uma manifestação de repúdio contra os novos preços de electricidade e água, que formalmente entraram esta quarta-feira em vigor, paralisando a capital do país e seus arredores.

Como era de esperar, a PRM, que sempre fala de falta de meios para acudir necessidades do quotidiano do povo, esteve à altura para reprimir os manifestantes, disparando largamente balas de metralhadoras de assalto, algumas das quais mataram várias pessoas, e outras de borracha que, inclusivamente, atingiram um jornalista, para além de fumegar a torto e a direito tudo o que fosse sítio à mão com gás lacrimogénio, atingindo até simples utentes da via pública.

Porquê 5 de Fevereiro? E porquê agora 1 de Setembro?

QUINTA, 02 SETEMBRO 2010 07:12 | JEREMIAS LANGA

O 5 de Fevereiro e o 1 de Setembro devem obrigar-nos a reflectir por que dizemos, todos os dias, que estamos a fragilizar a pobreza absoluta, quando fenómenos como o de ontem nos mostram que, afinal, há um descontento enorme entre os cidadãos.

Levante popular pelo custo de vida

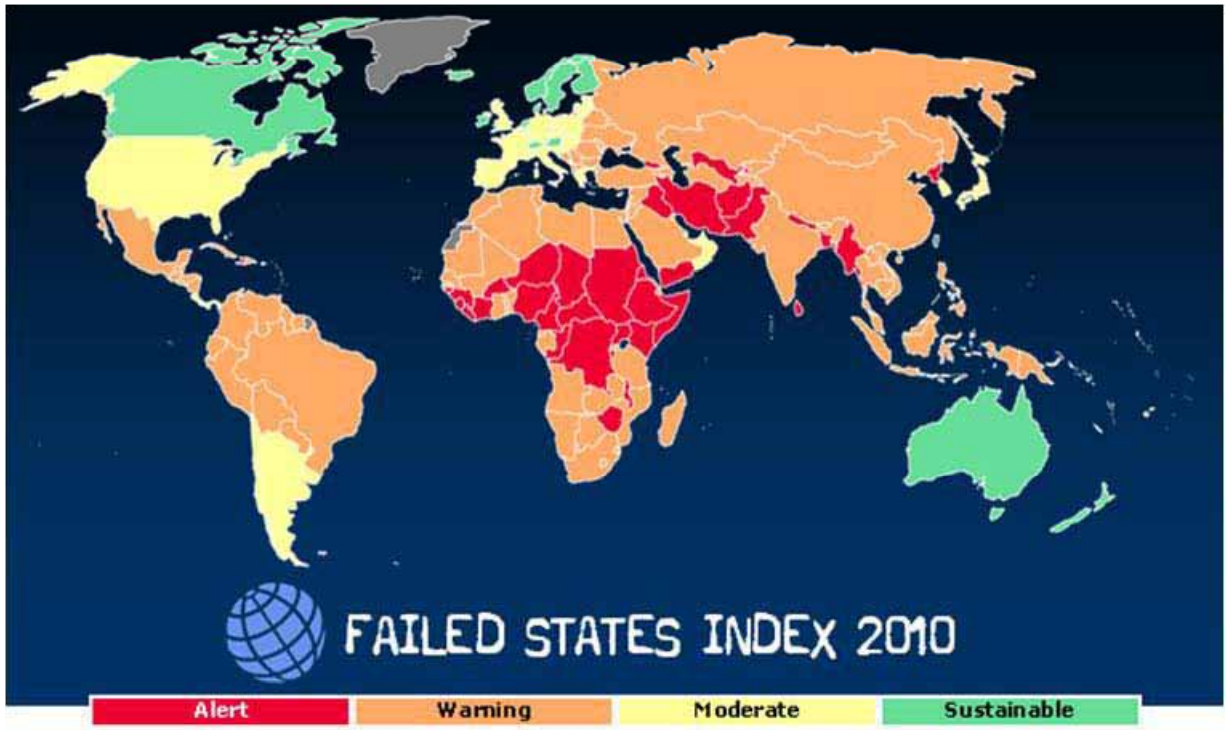
Governo reúne para contabilizar mortos e dizer que o povo deve trabalhar

- na tentativa de disfarçar e evitar que sejam identificados, membros do governo foram ao Conselho de Ministros de viaturas não oficiais
- e Dhlakama diz que o povo tem razão e devia se revoltar em todo o país
- Presidente da República pediu calma mas os manifestantes dizem que só irão parar se o governo lhes dizer que o pão, água e luz não vai subir

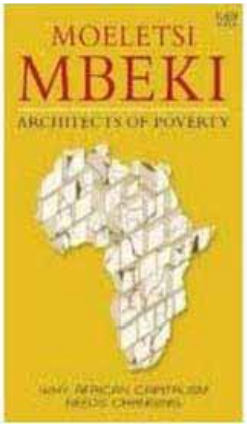
http://oficinadesociologia.blogspot.com

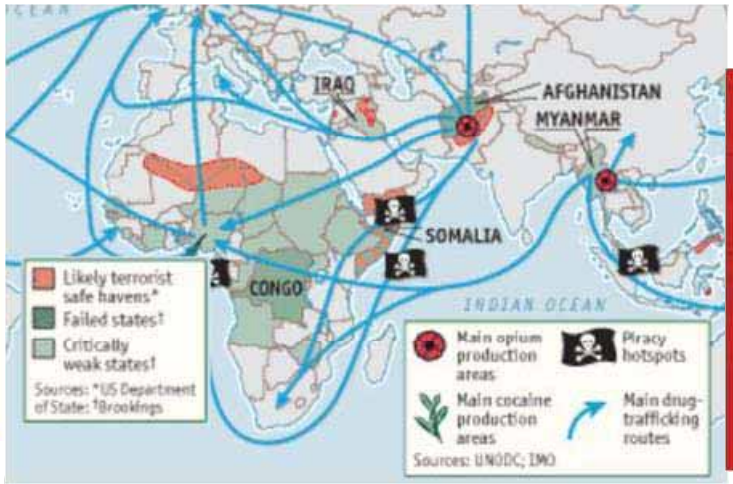
HONESTIDADE

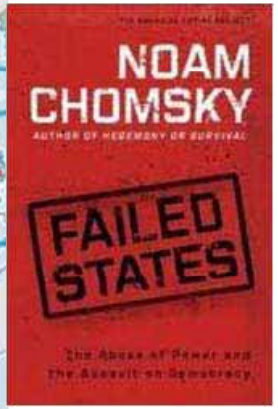
Candidato a Estado Falhado?



http://oficinadesociologia.blogspot.com/







Beira

Linchamentos retornam com furor

Agitação presumivelmente ligada à morte de um tal Jofrisse, tido como um pacato cidadão e não "bata-culo" do bairro da Mananga, vítima de bandidos ora caçados

Com furor, os linchamentos estão a repetir-se na cidade da Beira, contando-se já dois indivíduos desde domingo, todos mortos em plena luz do dia. As vítimas são um tal Meque e Manuel Cherequejane "Bota-bota", executados anteontem e ontem, respectivamente.

Primeiro a vítima é amarrada e espancada

Tem sido assim a parte final dos linchamentos

O último, **"Bota-bota"**, foi queimado vivo até sucumbir, depois de espancamento, segundo apurou o **"Diário de Moçambique"**, pelo facto de ele, Meque e outros comparsas terem presumivelmente assassinado um cidadão que em vida respondia pelo nome de Jofrisse.

Jofrisse foi identificado na nossa edição, erradamente, pelo nome de João e apontado como um dos bandidos perigosos do grupo de Meque, quando, conforme últimas informações, ele foi morto na noite de sexta-feira para sábado e tudo indica que foi vítima dos indivíduos que estão a ser caçados na Mananga.

Fontes do **"DM"** garantiram que parte da população de Mananga está à procura de todos os responsáveis pela morte de Jofrisse, sendo que Meque e **"Bota-bota"** foram os primeiros e, por conseguinte, vítimas de linchamento.

Meque, acrescentaram as nossas fontes, apesar de estar em liberdade condicional, não parou de aterrorizar os moradores da Mananga, situação que se veio a agravar quando tirou a vida a Jofrisse.

Algumas pessoas entrevistadas pelo "Diário de Moçambique" contaram que **"Bota-bota"** foi neutralizado no arrozal da zona da Casquinha, na Munhava, quando fugia, dado que estava a ser perseguido por uma multidão enfurecida. Uma vez alcançado pelos seus perseguidores foi espancado e queimado com recurso a pneus.

Contaram que os linchamentos correntes surgem como acto de vingança ao assassinato de tido como inocente Jofrisse, morto no último sábado naquele bairro, presumivelmente pelo grupo de **"Bota-bota"** e Meque.

Tanto **"Bota-bota"** como Meque eram tidos como perigosos cadastrados. Ambos estiveram encarcerados, por várias vezes, devido ao seu envolvimento em assaltos e assassinatos. Nos últimos dias estavam a beneficiar de liberdade condicional.

Com a morte de Jofrisse iniciou-se a caça ao grupo suspeito, acusado também de fomentar intranquilidade, culminando com os linchamentos ocorridos anteontem e ontem.

Meque linchado em plena luz do dia no domingo, encontrava-se em gozo de liberdade condicional, tendo como obrigatoriedade apresentar-se regularmente à Polícia. Mas, durante este período, ele e seus comparsas voltaram a organizar e intensificar acções de agressão, incluindo assaltos, arrancando dinheiro e telefones celular ou mesmo invadindo residências.

Acidentes fazem dois feridos graves

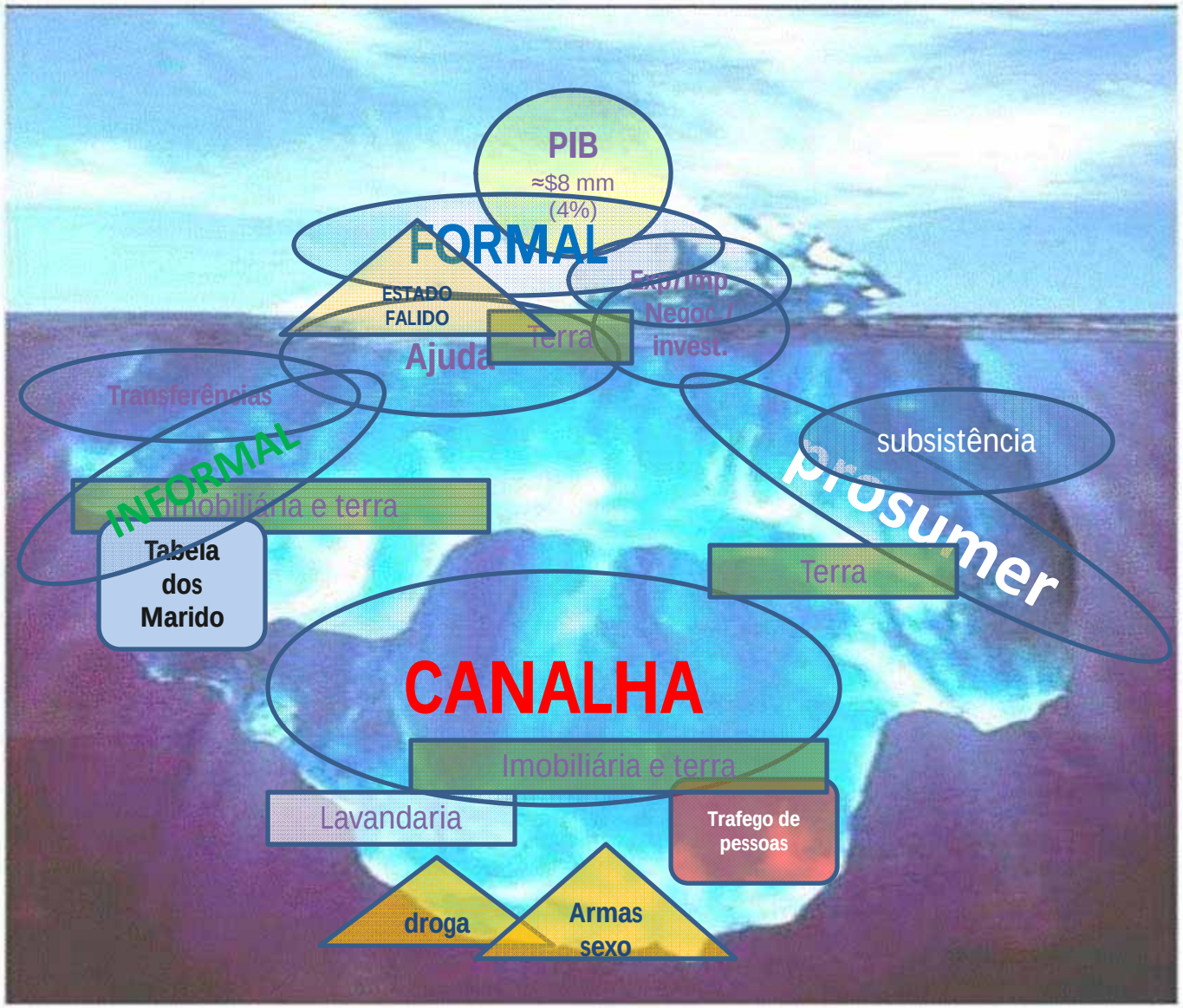
A província de Sofala registou, durante quatro dias da semana, quatro acidentes de viação, que resultaram em igual número de feridos, sendo dois em estado grave. De acordo com a Polícia, o comportamento por parte dos automobilistas nas estradas de Sofala", explicou Dique.

Mesmo tendo havido redução no número de acidentes e nos óbitos,

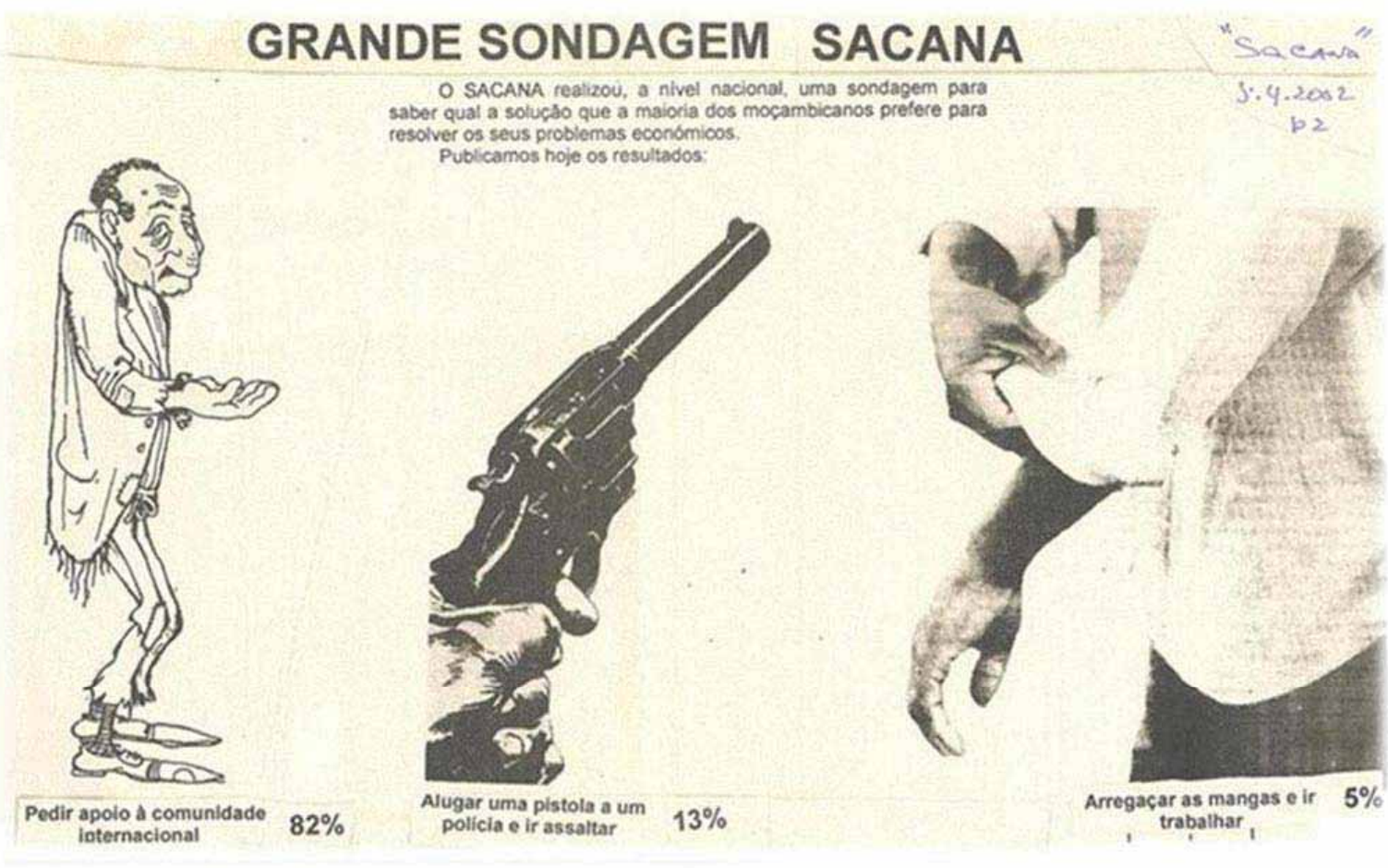
http://oficinadesociologia.blogspot.com/search?q=linchamentos

PERCEPÇÃO REALISTA DA ECONOMIA MOÇAMBICANA: BAZARCONOMIA

UM BAZAR CONSTITUÍDO POR MÚLTIPLOS UNIVERSOS ECONÓMICOS



PERCEPÇÃO HUMORÍSTICA DA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS ECONÓMICOS



AJUDA/ESMOLA **CRIME** **TRABALHO**

MANIFESTAÇÕES

Neste trágico teatro de fantoches a que vamos assistido, diariamente, mais uma vez o povo saiu à rua protestando contra a vida que o forçam a levar. A resposta foi a mesma do costume...

Entretanto, da parte do Governo, a atitude perante a crise que atravessamos é a mesma das avestruzes quando não sabem o que fazer: Enterrar a cabeça na areia e esperar que a crise passe...

A CRISE CHEGOU

A crise afinal sempre nos atingiu, e com toda a força, como se vê nestes casamentos em que já não se encontra o luxo de antigamente.

REVISÃO

Qual será o plano da Frelimo para a revisão da Constituição?

TETE

Com a descoberta de carvão em toda a cidade de Tete, damos uma visão do futuro da urbe.

PONTES

A falta de pontes sobre os nossos rios cria problemas a quem tem que os atravessar por razões de traba - lho.

O Tabaco Mata!

— Dobra por aqui —

SACANA

SUPLEMENTO HUMORÍSTICO DO SAVANA Nº 869 ● 03 DE SETEMBRO DE 2010

MALABARISMOS

O tempo vai passando e não se notam sinais de melhoria no valôr do Metical por muitos malabarismos que o Banco de Moçambique vá fazendo...

TRANSPARÊNCIA

COMO SUPERAR O NEO-MOÇAMBICANO NA EDUCAÇÃO?

Nível de reprovação atinge mais de 80%

Quarta, 25 Novembro 2009 08:21 Redacção

Em três unidades escolares da cidade de Maputo
Há casos em que algumas pautas afixadas nas escolas secundárias Francisco Manyanga, Josina Machel e Noroeste - 1 não registam nenhum aprovado

O nível de reprovações nos exames da 10ª e 12ª classes varia entre 80 a 100 por cento, pelo menos nas três unidades escolares escaladas pela nossa equipa de reportagem, nomeadamente, Escola Secundária Josina Machel, Escola Secundária Francisco Manyanga e Escola Secundária Noroeste - 1. Nestas três unidades escolares existem turmas em que todos os examinandos terão de recorrer aos exames de segunda época, que arracam a 30 de Novembro em curso.

A título de exemplo, num total de seis turmas, com 30 examinandos cada, apenas transitaram de classe sete alunos, ou melhor, de um total de 180 examinandos, apenas sete conseguiram transitar em todas as disciplinas na primeira época.Contudo, importa ressalvar que grande parte dos examinandos que vão à segunda época apenas recorrem a três ou uma disciplina.

Para o caso da 10ª classe, grande parte dos examinandos reprovou a secção de ciências.

Instada a pronunciar-se sobre o elevado nível de reprovações, a secretária permanente do Ministério da Educação e Cultura, Maria Albertina Bila, considerou que não havia espaço para tantas reprovações, uma vez que as matérias avaliadas são do domínio dos alunos.

Mais adiante, a fonte explicou que os exames são elaborados de acordo com o sistema nacional de avaliação. "O exame é um momento de colheita. os que não colheram é porque não plantaram", observou Maria Bila, sublinhando que "os alunos, hoje em dia, não estudam; se estudam, fazem-no pouco".

No entanto, reconheceu que a qualidade do ensino é fraca, sendo que, para colmatar o dilema, insiste na formação de professores qualificados.

Sobre a questão da formação de professores em um ano, defende que não se pode culpar somente a estes pelos péssimos reultados obtidos, pois há alunos que mesmo com estes aprendem e progridem.

Apenas 1.9 por cento dos moçambicanos é que têm acesso ao ensino superior

Segunda, 08 Março 2010 09:35 Tiago Valoi

Em vários paises africanos, a média dos estudantes superiores é de 5.5%

Dos cerca de 20 milhões de habitantes do país, apenas 1.9 é que têm acesso ao ensino superior, de acordo com o ministro da Educação, Zeferino Martins. Em termos numéricos, esta percentagem equivale a pouco mais de 75 mil estudantes existentes um pouco por todo o país.

http://www.opais.co.mz O País

Fraudes académicas:

A procura da razão de ser

Editorial

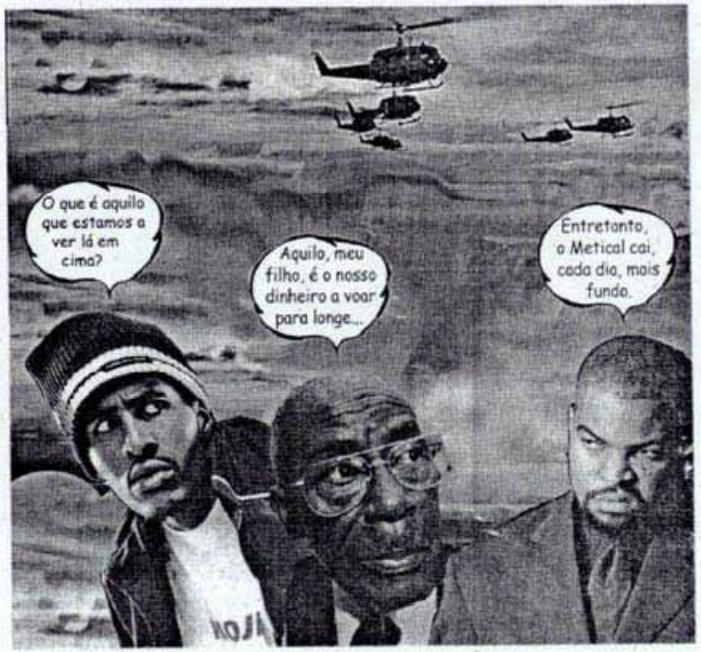
O DRAMA DE SER PROFESSOR

Dobra por aqui

SACANA

SUPLEMENTO HUMORÍSTICO DO SAVANA Nº 865 ● 06 DE AGOSTO DE 2010

PROSSEGUEM AS PRESIDÊNCIAS ABERTAS



COMO SUPERAR O ESTADO NEO-MOÇAMBICANO: FALIDO MAS NÃO FALHADO?

- O Estado Moçambicano está convertido num **ESTADO FALIDO MAS NÃO FALHADO**. Moçambique mergulhou na falência crônica no início da década de 80.
- Durante 30 anos, o GdM consolidou a **falência crônica do Estado, numa economia nacional de BAZAR**.
- Porque o Estado é somente Falido, crônica e estavelmente Falido, certos políticos e governantes acham isso um grande sucesso.
- O Governo conseguiu algum perdão da dívida, com o apoio da SCM. **Mas não estamos livres de Moçambique se tornar num Estado Falhado. Ou melhor, estamos tão livres do Estado Falhado, como Grécia, Espanha e Portugal estão livres da falência**.
- Há poucos anos atrás, a falência daqueles Estados Europeus eram inconcebível. Hoje, oscila entre o possível e o inevitável.

Editorial

Crise, qual crise?

A frase é atribuída a um proeminente político moçambicano quando em 2008 era confrontado com os efeitos da crise mundial no país.

Menos de três anos passados, a crise aí está. Brutal, avassaladora e de consequências imprevisíveis.

Moçambique não sofre apenas com a importação da crise fora de portas.

A queda dos preços de matérias-primas e exportações e o aumento dos preços dos combustíveis.

Uma parte importante dos problemas que mais uma vez fazem os moçambicanos apertarem ainda mais o cinto, são endógenos, são geridos pelas políticas económicas actualmente em curso.

O aumento do preço dos combustíveis esta semana, deixando o gasóleo de fora, mostra que o governo não tem ainda uma estratégia de fundo que, por um lado enfrente a alta dos preços do petróleo e, por outro, consiga repassar internamente uma estratégia que não descambe numa espiral de subida de preços em flecha, comprando uma hecatombe social de que ninguém quer ser responsável.

O governo, tido habitualmente como bom aluno dos programas emanados de Washington, em 2009, porque tinha eleições a enfrentar, fez orelhas moucas a alguns princípios fundamentais de economia. Manteve artificialmente os preços dos combustíveis, controlou o valor do metical, mantendo a estabilidade dos produtos ao consumidor, chegando ao fim do ano com um índice de inflação "à europeia".

Como os "falcões" queriam mesmo os dois terços do voto "à angolana", afastaram qualquer possibilidade de conciliação quando o partido MDM foi miseravelmente impedido de concorrer em nove círculos eleitorais.

A política e a economia não tardaram em escurecer a abertura do segundo mandato do presidente Guebuza.

Os pagamentos apressados às gasolineiras secaram o pequeno mercado financeiro local. A falta de liquidez nos bancos comerciais e o que ficou convencionado como "a greve dos doadores" fizeram o resto. O aprofundamento das divisas disponíveis, apesar das sucessivas injecções de dólares pelo banco central, tornou inevitável o disparo das moedas mais importantes no mercado local. O dólar está 40% mais caro e não o há, o rand disparou 35% e tem um impacto terrível nos bens de primeira necessidade consumidos, sobretudo no sul de Moçambique. A inflação subiu dos artificiais 3,25% em 2009 para 14,5% no primeiro semestre de 2010. Este é o índice que indica claramente a perda do poder de compra dos moçambicanos nos últimos seis meses.

Uma imprensa acrítica, sempre embalada pelo discurso da auto-estima e pouco preocupada com os reais problemas do país, presta-se a um perigoso jogo de espelhos, passando para o governo e para o partido que lhe dá apoio, a percepção de que o país avança vitoriosamente nos seus grandes desafios, nomeadamente no estafado slogan da luta contra a pobreza absoluta.

O braço de ferro com os doadores - e há que se questionar se valeu a pena tamanho exercício - está a ser pago com juros enormes. Estagnaram as contribuições, aumentou o nível de pressão externa e está instalado um clima de grande suspeição e desconfiança que vai levar tempo a dissipar.

O governo, levemente retocado em Janeiro, perdeu algumas figuras de peso e os seus substitutos, não mostram o lustro dos antecessores e, mais preocupante, começa a haver a percepção pública de terem sido péssimas escolhas. Até o ministro dos Transportes, de promissora carreira no mandato anterior, se tem envolvido em enormes trapalhadas. O fiasco das mais-valias do Mundial de Futebol, as improvisações desportivas, as quedas em indicadores internacionais relevantes e até mesmo o debate irrelevante sobre uma hipotética "geração de viragem" mostram o desnorte que, aparentemente, parece ter tomado conta da direcção do país.

Mais grave que os problemas que possam ser associados à conjuntura, na famosa reunião da Namaacha, os emissários de Washington fizeram saber ao governo que o actual modelo de crescimento económico está esgotado e não é sustentável. O país não pode viver de donativos.

O país tem que procurar investimento externo – e aí os indicadores jogam papel crucial – tem de ser mais competitivo, tem de produzir mais procurando alcançar países como o Botswana e as Maurícias, mas sobretudo não se deixando ultrapassar por economias como a Namíbia, o Malawi e a Tanzânia. Os empresários, grande parte com ligações umbilicais ao poder do dia, estão a perder o verniz para questionar abertamente a falta de transparência e o afunilamento de oportunidades reinante no ambiente de negócios. Questionam também as políticas laborais, persecutórias e fechadas ao aumento da produtividade, competição e atractivas para potenciais parceiros externos.

Apesar dos slogans e do dinheiro a fundo perdido atirado para os distritos, a agricultura e os seus rendimentos – para o campesinato e os investidores – continua a ser adiada por falta de visão, incompetência e um poderoso lobby de acambarcadores de terras que ninguém parece ter coragem de travar.

Há opções de fundo que precisam de ser tomadas se queremos afastar o espectro do país de cobradores de rendas e de espaços concessionados. É preciso produzir, deixar produzir quem sabe produzir e afastar o populismo, um vírus que perigosamente infectou o cerne das nossas estruturas vitais de decisão.

E se de facto, a tal crise desdenhosamente descontada pelo dirigente de 2008 está entre nós instalada, é preciso mais austeridade vinda de cima, menos arrogância e mais honestidade na abordagem dos problemas que são de todos. Se ainda estivermos a tempo de rumarmos todos para o mesmo lado – governantes e governados - pois o risco do país faz de conta avança inexoravelmente.

Apesar do paraíso prometido pelos vendedores de ilusões.

CARTOON

A Talhe de Foice

Machado da Graça

Inspecções obrigatórias

À primeira vista dá a impressão que, como se costuma dizer, a montanha pariu um rato.

Olhando mais de perto a coisa parece menos clara.

Logo de princípio, quando foi anunciada a exigência da inspecção anual obrigatória dos veículos automóveis, aquilo cheirou mal. A forma como foram atribuídas as licenças para a realização do trabalho, a baixíssima percentagem das receitas que entra para os cofres do Estado e a própria criação desta inspecção num país em que as condições para a existência de carros em perfeito estado de circulação estão muito longe de ser criadas, deixaram margens para reparos e suspeitas.

Mas a coisa saiu com o peso de lei, com prazos a cumprir e com a penalização de confisco da viatura, a partir de 31 de Julho, no caso de não ter sido inspeccionada. E a frase de sempre (quando convém a quem manda) de que a lei é para ser cumprida.

E, com maior ou menor dificuldade, os proprietários das viaturas lá foram fazendo a inspecção, pagando o respectivo preço.

E, à medida que o prazo estava para terminar, foram crescendo as bichas de todos aqueles que, por qualquer razão, foram deixando a inspecção para os últimos dias. E as enormes bichas significaram perdas de muitas horas de trabalho às portas dos estabelecimentos em que se realizavam as inspecções.

Tudo isto para, no momento em que terminava o prazo legal, nos virem dizer que nada disso tinha sido necessário porque, na maior parte do país, não tinham sido montados os serviços de inspecção e só depois de eles existirem em todo o país é que se vai começar a verificar se as viaturas foram, ou não, inspeccionadas e a penalizar as que não foram.

Como isso vai demorar ainda muito tempo, na medida em que há centros de inspecção que não começaram sequer a ser montados e, mesmo depois de montados, tem que se dar um prazo para os donos dos carros lá irem, não imagino que as coisas estejam nessa fase em menos de um ano.

O que quer dizer que aqueles que cumpriram a lei e pagaram para fazer a inspecção obrigatória das suas viaturas ficaram agora com um papel na mão que não tem qualquer utilidade. Gastaram tempo e dinheiro absolutamente para nada.

Ou melhor, gastaram tempo e dinheiro para enriquecer as empresas que se dedicam à inspecção.

O facto de só se ter anunciado a inutilidade da inspecção este ano no dia em que terminava o prazo teve como único objectivo, chupar até ao último metical do bolso dos cidadãos, com a ameaça do confisco das suas viaturas.

Porque não foi só nesse dia que se descobriu que a maior parte do país não tinha ainda os sistemas de inspecção a funcionar. Quem trate disso há muitos meses que o sabia já. Essas coisas não se montam de um dia para o outro e, como já disse acima, mesmo depois de montadas têm que dar prazo para as viaturas lá serem levadas.

Portanto, as autoridades sabiam, há muitos meses, que não ia ser possível pôr a lei em prática mas calaram-se, muito bem caladinhas, para que os cofres das empresas que realizam as inspecções se fossem enchendo, à custa do medo dos cidadãos.

No último dia do prazo ainda o Notícias afirmava, com base em declarações oficiais, que o prazo não ia ser adiado.

Acabado o prazo e na impossibilidade de cumprir as ameaças legais, o castelo de areia desmoronou-se e tudo ficou em nada. Ou melhor, muitos moçambicanos ficaram sem os seus meticais e as poucas empresas de inspecção, em funcionamento, ficaram bem mais ricas. De resto é como se não tivesse acontecido coisa nenhuma.

Não há novos prazos, não há previsão de coisa nenhuma. Mais tarde se verá, à medida em que a situação se for compondo ao longo do país. Dure o tempo que durar.

Se isto não foi um caso de burla institucionalizado, foi coisa muito parecida.

E fica sempre a dúvida sobre quem estará por trás dos aparentes donos das empresas de inspecção.

Porque, para montar toda esta operação, com leis e ameaças estatais, há-de ser gente com bastante peso dentro do nosso Estado.

Com muito peso e pouca vergonha, como já estamos acostumados.

O DESAFIO DAS EXPECTATIVAS REALISTAS

Após o Mundial de Futebol na África do Sul, vimos na imprensa moçambicana reflexões sobre o grande sucesso que foi este evento.

Não há dúvida que foi um grande sucesso. Sucesso de que a sociedade multi-racional sul-africana se pode orgulhar.

Curiosamente, surgiram na TV moçambicana bem como nos jornais , declarações como as seguintes:

"**Conseguimos mostrar que somos capazes".**

"Nós, Africanos... mostramos ser capazes" Nós?

Aqui está um bom exemplo do ditado popular: **os sucessos têm mil pais; os insucessos são órfãos**.

Até Machado da Graça, na sua crónica semanal no Savana, escreveu:

GANHAMOS O MUNDIAL!

"Porque isto é África! Cantou Sakira. E isso enche-nos de orgulho a todos. Até a mim, que nunca liguei grande coisa ao futebol..." (Graça, 16.07.2010, p. 6).

O DESAFIO DAS EXPECTATIVAS REALISTAS

- Um simples campeonato de Hóquei é cancelado por falta de garantias do Governo moçambicano, do empresariado e da SCM, para a realização do evento com sucesso.
- Existem outros episódios tristes. Vou listar alguns que colocam sérios desafios para o diálogo Governo-SCM:
  - **O caso da Selecção dos Mambas**, em torno do selecionador holandês, Mart Nooij; alguém dizia há dias: "o nosso futebol está doente" .O que significa? O que reflecte? A Federação de Futebol é uma OSC.
  - **A preparação dos Africanos de 2011**, com um Estádio de Futebol novo só em Maputo, com sucessivos problemas laborais entre o empreiteiro chinês e os moçambicanos; um ambiente de dumbanengação à volta do "Estádio do Zímpeto".

EXCELÊNCIA

POR UMA CULTURA PACÍFICA DE EXCELÊNCIA

- **CULTURA DE EXCELÊNCIA** – Deveria converter-se na ideologia central das OSC. Não uma ideologia política, no sentido vulgar aplicado, mas uma ideologia de princípios e valores de referência intemporais.
- **CULTURA DE DISCIPLINA** - Toda a organização têm uma cultura, mas são poucas as OSC que possuem uma cultura de disciplina – no planeamento, no comportamento dos membros, na gestão, no uso dos recursos.
- Cultura de disciplina não é um atributo do negócio ou organizações que funcionam em torno do lucro. As OCS não existem para fazer lucro, mas existem em torno de uma MISSÃO social, moral, cívica e ética. A cultura da disciplina não é um princípio do negócio lucrativo, mas sim um princípio de excelência, aplicável a qualquer organização.
- Em vez de seguir o ditado – "O óptimo é inimigo do bom" – devemos romper com a hesitação entre ser pior ou péssimo e o contentamento com o "menos bom" em lugar do medíocre.
- Quando nos contentamos com o BOM, dificilmente procuraremos ser excelentes. Por isso, em vez do ditado popular, Jim Collin defende:

O BOM É INIMIGO DO ÓPTIMO

ADENDA (1/6)

- **De regresso a Maputo, na manhã do dia 03 de Setembro de 2010, após o avião ter aterrado no Aeroporto de Maputo, recebemos a informação via celular, que as manifestações tinham despoletado em Chimoio.**
- **Quando nos dirigimos ao aeroporto de Chimoio, duas horas antes da partida para Maputo, nada fazia suspeitar que tumultos idênticos aos de Maputo, estavam para despoletar na capital da província de Manica. Este é um aspecto intrigante e talvez distintivo do que aconteceu em 5 de Fevereiro de 2008.**
- **Nos dias seguintes circulavam mensagens SMS contraditórias, umas dizendo que os protestos tinham sido interrompidos em Maputo, para permitir que as pessoas se reabastecessem e descansassem um pouco; as manifestações voltariam às ruas na 2ª Feira. Em contrapartida, outras mensagens apelavam à calma, ao trabalho e ao progresso.**
- **É difícil imaginar quais as feridas e consequências desta nova onda de tumultos, mas suspeito que uma nova etapa na Sociedade Civil Moçambicana está a surgir. O Jornal Notícias de 3 de Setembro noticiou (p.3) o seminário em Chimoio, onde esta apresentação foi feita. O jornalista José Chissano destacou um dos pontos fundamentais da apresentação: "Sociedade Civil e Governo: Diálogo Amorfo" – ver próximo slide:**

ADENDA (2/6)

Politica

Sociedade civil e Governo: Diálogo amorfo - considera académico António Francisco, falando ontem em Chimoio

O DIÁLOGO entre as organizações da sociedade civil e o Governo no país é, actualmente, amorfo, sendo necessária uma série de mudanças, essencialmente políticas, para a melhoria do cenário. A posição foi ontem manifestada por António Francisco, investigador do Instituto de Estudos Económicos e Sociais (IESE), dissertando na cidade de Chimoio, capital da província de Manica, perante membros de algumas organizações não-governamentais.

Maputo, Sexta-Feira, 3 de Setembro de 2010:: Notícias

O investigador, que é também docente da Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane, justifica a sua caracterização, alegando, por exemplo, que o Governo não presta contas das suas acções às organizações da sociedade civil, limitando-se apenas a consultar, quando achar necessário.

Entretanto, cenário idêntico já não se verifica na relação do Governo com os doadores, a quem o Executivo presta contas e toma sempre em consideração as críticas que se avançam.

"O diálogo é amorfo fundamentalmente porque o Governo não dá valor ao que é dito pela sociedade civil", disse António Francisco, avançando que se precisa de mais consciência e mudanças políticas, que passam, entre outras questões, pela aceleração da autarcização do país, que na velocidade actual poderá levar mais de 100 anos para cobrir as 128 sedes distritais. De salientar que neste terceiro mandato autárquico aumentou-se de 33 para 43 autarquias.

António Francisco falava na abertura de um ciclo de palestras sobre o funcionamento da sociedade civil que hoje encerra em Chimoio. Os eventos são organizados conjuntamente pela Organização Suíça de Entre-ajuda Operaria (OSEO) e Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil (MASC).

Ainda no quadro das mudanças políticas, o investigador defende a ideia dos governadores provinciais e administradores distritais serem eleitos pelo povo e não indicados, facto que, segundo afirmou, iria intensificar a cultura da prestação de contas ao eleitorado e elevar os esforços para a melhoria da qualidade de vida.

As palestras, que segundo Jorge Lampião, coordenador nacional da OSEO, e Hélder Ossemane, do MASC, visam melhorar a actuação da sociedade civil, encerram hoje com a apresentação e discussão de mais dois temas, nomeadamente "sociedade civil e acção participativa" e "recursos naturais e aquecimento global".

- José Chissano, em Manica

http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/contentx/1081932/20100903

ADENDA (3/6)

- **É necessário admitir que a relação entre Sociedade Civil e Governo está a tornar-se pior do que amorfa. Não com a SC formal, tal como é conhecida actualmente, mas com a parte da sociedade civil que ao longo dos anos tem sido excluída, ignorada e marginalizada.**
- **As recentes manifestações violentas por parte da população suburbana, surgem como uma clara manifestação do descrédito generalizado nas instituições políticas, não só as da posição (Governo e Partido Frelimo) como oposição (Renamo e MDM), ou ainda nas organizações da sociedade civil.**
- **Uma análise desapaixonada e fria destes acontecimento, poderá provavelmente mostrar, que só em parte é que a revolta popular tem a ver directamente com o descrédito nas forças políticas. As próprias instituições económicas, mostram-se incapazes de oferecer alternativas e soluções, através de oportunidades de emprego e geração de renda. Mais profundo ainda, são algumas dinâmicas demográficas, associadas ao crescimento de grupos etários jovens, principalmente urbanos, cada vez mais ansiosos e disponíveis para soluções que não se resumem ao que os governantes têm sugerido nos últimos dias: " Vão trabalhar ... malandros!"**
- **Trabalhar? Onde?**

ADENDA (4/6)

- **Perante os recentes acontecimento é preciso admitir que a relação entre Sociedade Civil e Governo esteja a tornar-se pior do que amorfa. Pior do que amorfa, não entre o actual Governo e a SC formal, tal como é conhecida actualmente.**
- **Começa a ficar evidente que uma parte da sociedade civil, a parte que as autoridades governamentais ou certos analistas, nem tão pouco reconhecem como "sociedade civil", está a revoltar-se violentamente. Estes sinais já se vinham manifestando no quotidiano urbano, contra a ausência de segurança e protecção pública, através de sucessivos linchamentos de ladrões e assaltantes.**
- **Outra forma de alienação crescente e generalizada de cidadãos é testemunhada pelo alheamento da política oficial e dos partidos (todos eles, incluindo os da oposição). Em 2008, no Ideias 6, de 2 de Setembro de 2008, considerei a abstenção como a maior força política na reserva em Moçambique.**

Sem Surpresas: *Abstenção Continua Maior Força Política na Reserva em Moçambique… Até Quando?*

António Francisco

www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_6.pdf

ADENDA (5/6)

- **Tanto as eleições Autárquicas de 2008 como as eleições Gerais de Outubro de 2009, confirmaram que as actuais forças de oposição, não mostraram qualquer capacidade na oferta de alternativas positivas, ao beco sem saída em que o partido no Poder tem colocado a população moçambicana.**
- **A única esperança é acreditar que a sociedade civil gere novas lideranças políticas.**
- **Muito provavelmente, assim que a vida volte à normalidade não faltarão "terapeutas" da consciência social, prontos a intelectualizar e desdramatizar os recentes acontecimentos, com a mesma indiferença que lidam, por exemplo, com a insegurança humana que tem originado sucessivos linchamentos populares no País.**
- **Por vezes, convém teimar que a crise financeira internacional só afecta os outros; mas perante tumultos populares como os de 1-3 de Setembro último, já convém apresentá-los como meros SAQUES (Jornal Domingo, 05.09.2010), fruto de imposições do FMI ou da crise capitalista internacional. Neste contexto, a "mão externa" irá voltar a ser útil, para mais uma vez desculpabilizar a indiferença para com a insegurança humana e precariedade da vida dos moçambicanos.**

Linchados 14 cidadãos só este ano na cidade da Beira

SEXTA, 10 SETEMBRO 2010 00:00 FRANCISCO RAIVA

De Janeiro a esta parte

Mais um suposto ladrão foi linchado, esta quinta-feira, na cidade da Beira, em Sofala. Com esta ocorrência, sobe para 14 o número de casos de linchamentos naquele ponto do país desde Janeiro deste ano.

Tal como nas outras ocasiões, a vítima, cujo nome não conseguimos apurar, foi espancada até à morte por populares do bairro de Muchatizina, que alegam que o mesmo eram ladrão. Ao que tudo indica, o malogrado foi vítima de vários golpes em diferentes partes do corpo e, depois, o seu corpo foi carbonizado.

Fenómeno de linchamentos tende a crescer nas grandes cidades

Governo reuniu, mas não houve soluções

http://www.opais.co.mz/

ADENDA (6/6)

- **Duvido que esta segunda onda de manifestações populares, seja suficiente para convencer os políticos e governantes da verdadeira natureza da crise económica e social moçambicana.**
- **De facto, a crise financeira internacional só não atingiu Moçambique mais intensamente, devido ao elevado subdesenvolvimento económico-financeiro , em vez da boa estabilidade e sucesso económico da política do Governo.**
- **A alegada estabilidade social e relativo sucesso económico moçambicano, de que tanto se orgulham os governantes e seus parceiros internacionais, assentam numa viabilidade e sustentabilidade , características de um país cronicamente falido. Só nesta perspectiva é que se entende o sucesso moçambicano.**
- **É preciso reconhecer que o actual quadro institucional, político e económico, não assenta no mesmo tipo de viabilidade e sustentabilidade que os países desenvolvidos ou em rápido progresso, aspiram para si próprios.**
- **Enquanto isto não for devidamente reconhecido, será extremamente difícil encontrar melhores alternativas de desenvolvimento e implementar soluções efectivas, em prol de um Moçambique realmente viável e sustentável.**

06.09.2010